

**POESIA
CONCRETO :**

arquitetura, ruína e cultura

GIULIA FREIRE VILLARI
TRABALHO DE GRADUAÇÃO INTEGRADO | IAU-USP

ESTA OBRA É DE ACESSO ABERTO. É PERMITIDA A REPRODUÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO,
DESDE QUE CITADA A FONTE E RESPEITANDO A LICENÇA CREATIVE COMMONS INDICADA

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do Instituto de Arquitetura e Urbanismo
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Villari, Giulia F.
Poesia concreto: arquitetura, ruína e cultura /
Giulia F. Villari. -- São Carlos, 2024.
106 p.

Trabalho de Graduação Integrado (Graduação em
Arquitetura e Urbanismo) -- Instituto de Arquitetura
e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2024.

1. Cultura. 2. Ruína. 3. Ressignificar. 4.
História. I. Título.

**poesia concreto:
arquitetura, ruína e cultura**

giulia freire villari

trabalho de graduação integrado

universidade de são paulo
instituto de arquitetura e urbanismo (iau-usp)

comissão de acompanhamento permanente (cap):

aline coelho sanches

gisela cunha viana leonelli

joubert josé lancha

luciana bongiovanni martins schenk

paulo césar castral (orientador)

coordenador do grupo temático (gt):

givaldo luiz medeiros

são carlos, 2024

Bibliotecária responsável pela estrutura de catalogação da publicação de acordo com a AACR2:
Brianda de Oliveira Ordonho Sígolo - CRB - 8/8229

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Jean e Simone, que nunca me pressionaram e sempre me apoiaram, e especialmente ao meu pai e à Sil, que me abrigaram por 4 desses 5 anos malucos de faculdade.

Aos meus irmãos, Dudu e Gigi, que, sem sombra de dúvidas, moldaram quem eu sou. E à Lu também, que entrou na família e parece que aqui sempre esteve.

Aos meus sobrinhos do coração, Moby e Jojo, que estão sempre nos meus pensamentos.

Às minhas amigas, Rafa, Domi e Mir, que deixei em São Paulo para vir estudar em São Carlos, mas que mesmo longe fazem questão de estar perto.

Aos meus amigos de faculdade, Bia Cat., Bia Camp., Bárbara, Caio, Fred, Marjorie, Mari e Vitória, que fizeram desses anos, os melhores.

E, por fim, à minha família de Niterói, particularmente à minha prima Gabi - Niterói não seria nada sem ela - e aos meus avós, Julieta e Odilon, porque sem eles, esse trabalho não existiria (e nem eu!).

RESUMO

Esse Trabalho Final de Graduação aborda a reocupação do Hotel Panorama, um marco abandonado da paisagem de Niterói. Situado no Morro da Viração, o edifício nunca finalizado é guardado na memória coletiva com muito afeto.

Partindo de uma abordagem fenomenológica e baseada em referências como Angelo Bucci, Bernard Tschumi e Rem Koolhaas, o projeto propõe uma intervenção arquitetônica que preserva o caráter inacabado do edifício, ressignificando-o para atender e criar novas demandas culturais da cidade. Através de grandes gestos projetuais, como o recorte de lajes e a implementação de rampas, o trabalho estabelece uma conexão entre o passado e o futuro, respeitando a história do local e sua relação com a paisagem.

O programa multifuncional engloba ateliês, espaços expositivos e áreas livres de apropriação espontânea, valorizando a interação social e o uso dinâmico do espaço. Assim, o projeto busca preservar a memória afetiva associada ao hotel, sem descaracterizá-lo.

PALAVRAS-CHAVE

Cultura. Ruína. Ressignificar. História.

SUMÁRIO	INTRODUÇÃO	11
	A CONSTRUÇÃO DE UM PANORAMA	17
	niterói nos anos 50	18
	início e abandono das obras	20
	leitura da área	24
	A CONSTRUÇÃO DE UMA MEMÓRIA	35
	da monumentalidade de um projeto ao cotidiano de uma forma	36
	renovar não é derrubar: como preservar a figura emblemática do hotel panorama na paisagem niteroiense	40
	A CONSTRUÇÃO DE UM PROJETO	45
	o processo: da escolha ao projeto	46
	uma primeira abordagem	48
	um grande gesto	62
	dos usos e apropriações	80
	CONCLUSÃO	94
	REFERÊNCIAS	96



vista do hotel panorama da estrada do morro da viração
fonte: autora

INTRODUÇÃO

"Os lugares, por serem como são, dizem de uma só vez uma porção de coisas para um monte de gente. Apresentam conformações cumulativas. Estão no presente, mas podem demonstrar como já foi e como, talvez, será."

- Carlos Nelson Ferreira dos Santos,
Preservar não é tombar, renovar não é pôr tudo abaixo

Crescer passando todo e qualquer feriado e férias na casa dos meus avós - a mesma casa que minha mãe cresceu - em Niterói, desde os 20 dias de idade, me fez criar laços tão profundos com o bairro, a cidade, a baía e as praias oceânicas quanto os laços que tenho com minha cidade natal.

Na hora de pensar sobre meu TGI, eu não via outra saída senão fazer algo na cidade fluminense, um lugar que não nasci de fato, mas cresci, me desenvolvi, criei mais memórias do que tenho páginas para escrever; seria minha carta de amor, meu agradecimento a essa cidade do meu coração e aos meus avós - que, por pelo menos 3 meses ao ano, durante 18 anos, eram meus pais, meus amigos, meu abrigo.

Vindo desse lugar afetivo, refleti sobre possíveis locais para minha intervenção, pensando em como retribuir essa cidade por ter me dado lembranças tão gostosas. Conversando com a minha mãe, a niteroiense nata, discutimos sobre todos os possíveis lugares para um trabalho, com ela me falando da adolescência dela, de lugares que eram importantes na sua época e que hoje estavam sucateados e esquecidos. Em uma dessas conversas, ela bem que me lembra "Ah, filha, tem o hotel abandonado, né..."

O hotel em questão - e o meu objeto de estudo - é uma construção abandonada há mais de 50 anos que nunca foi finalizada. Ela fica localizada no morro da Viração, entre os bairros de São Francisco e Charitas, no meio de uma área de preservação ambiental. Além de ser um marco emblemático na paisagem do bairro, eu passei minha vida toda olhando para ele da casa da minha avó, onde no terraço temos a vista certinha de frente para a estrutura.

O dilema acerca do Hotel Panorama é complexo. De um lado, sua construção causou danos irreversíveis ao meio ambiente, visto que ele foi idealizado em um período em que a consciência ambiental era incipiente e as leis frágeis. Mas, por outro lado, demoli-lo seria um erro grotesco, pois a imagem do edifício se tornou um símbolo da cidade.



vista do hotel panorama da casa dos meus avós
fonte: autora

O Parque da Cidade, no topo do morro e a poucos metros do hotel, é outro fator a ser considerado. Inaugurado em 1976, mais de 15 anos depois do abandono do hotel, o parque é um local para salto de asa delta e parapente e onde há o mirante com uma visão panorâmica das Lagunas, Praias Oceânicas, bairros de Niterói, Baía de Guanabara, o mar aberto, a cidade do Rio de Janeiro e a Ponte Rio-Niterói - e também é o lugar que passei a vida toda indo aos fins de tarde assistir ao pôr do sol.

O acesso ao parque é feito por carros e vans, pois a estrada até lá é muito sinuosa para ônibus, além das trilhas saindo da base do morro em São Francisco ou pelo Largo da Batalha, bairro da região de Pendotiba. Há também as trilhas [no](#) próprio morro, como a do Bosque dos Eucaliptos (original

do projeto paisagístico do Hotel Panorama) e uma outra trilha clandestina que dá acesso à sua ossada abandonada. Isso mostra que, ao contrário do cenário da época da construção do hotel - quando o morro da Viração era completamente virgem -, a área não é mais isolada como era, sendo esse mais um motivo para revitalizá-lo.

Transformar esse espaço emblemático em um polo cultural, turístico, de lazer - uma verdadeira usina de produção e difusão - é um desafio que exige criatividade e compromisso com o bem-estar da cidade. Através de um projeto delicado e consciente, busquei encontrar soluções para preservar o legado do Hotel Panorama e transformá-lo em um novo símbolo para a cidade.



pôr do sol no parque da cidade
fonte: autora



A CONSTRUÇÃO DE UM PANORAMA

"A Grandeza, através da sua verdadeira independência em relação ao contexto, é a única arquitectura que pode sobreviver"

-Rem Koolhaas,
Bigness



hotel imperial
fonte: grupo "história de niterói"

NITERÓI NOS ANOS 50

Niterói é uma cidade com uma população de mais de 500 mil habitantes (2020) com laços estreitíssimos com a cidade do Rio de Janeiro - laços ainda mais fortes depois da inauguração da ponte Rio-Niterói em 1974. Já foi capital do estado do Rio duas vezes, sendo a mais recente entre os anos 1903-1975. Foi durante esse período que o Hotel Panorama surgiu, em uma cidade que pulsava vida, com cassinos, cinemas de rua e o centro mais badalado que nunca.

Nesse segundo momento como capital, a expansão da cidade, que até então era mais restrita aos bairros centrais como Icaraí, Ingá, Boa Viagem e o Centro - muito disso por causa da proximidade em relação ao terminal das barcas na Praça XV que conectava Niterói ao Rio -, foi chegando até o Saco de São Francisco, hoje conhecido apenas como São Francisco.

Com o crescimento e a notabilidade da cidade, impulsionada por essa condição de capital, houve um avanço econômico grande, como nunca antes visto, que resultou no desenvolvimento das infraestruturas urbanas básicas e na instalação dos bondes elétricos como meio de transporte público no bairro de São Francisco. O bairro foi crescendo com um caráter residencial que prevalece até hoje, com o setor de serviços restritos às avenidas Rui Barbosa e Quintino Bocaiúva.

Existiam, na época, três hotéis na cidade: o Balneário Hotel (em São Francisco), o Hotel Imperial (no Centro) e o Hotel Casino Icarahy (em Icaraí, onde hoje é a Reitoria da Universidade Federal Fluminense – UFF). Todos eles sofriam com a baixa frequência de turistas - e eventualmente foram demolidos - mas, apesar disso, os governadores na época acreditavam que o setor de turismo seria o que colocaria Niterói no mapa de uma vez por todas.



reitoria da uff
fonte: uff



hotel casino icaraí - hoje a reitoria da uff
fonte: grupo "história de niterói"



hotel casino icaraí - hoje a reitoria da uff
fonte: grupo "história de niterói"

INÍCIO E ABANDONO DAS OBRAS

O futuro prometia, quando, em 1957, a Companhia Brasileira de Turismo (Combratur), incentivada pelas políticas favoráveis ao turismo e à implementação de hotéis, idealizou as obras do Hotel Panorama, em um esforço de fomentar o turismo na cidade e fazer de Niterói um destino turístico. O hotel prometia um refúgio com uma vista incrível, com as melhores amenidades e inovações à disposição e, como publicitado, com "um serviço de bondes aéreos semelhantes aos existentes nos Alpes" que conectaria a praia de Charitas ao hotel, facilitando o acesso dos hóspedes - e também os impressionando logo na chegada.



[1]. Entrevista do dr. Alcides Pereira da Silva, o então presidente da COMBRATUR, para o Jornal O Fluminense, em 1957.

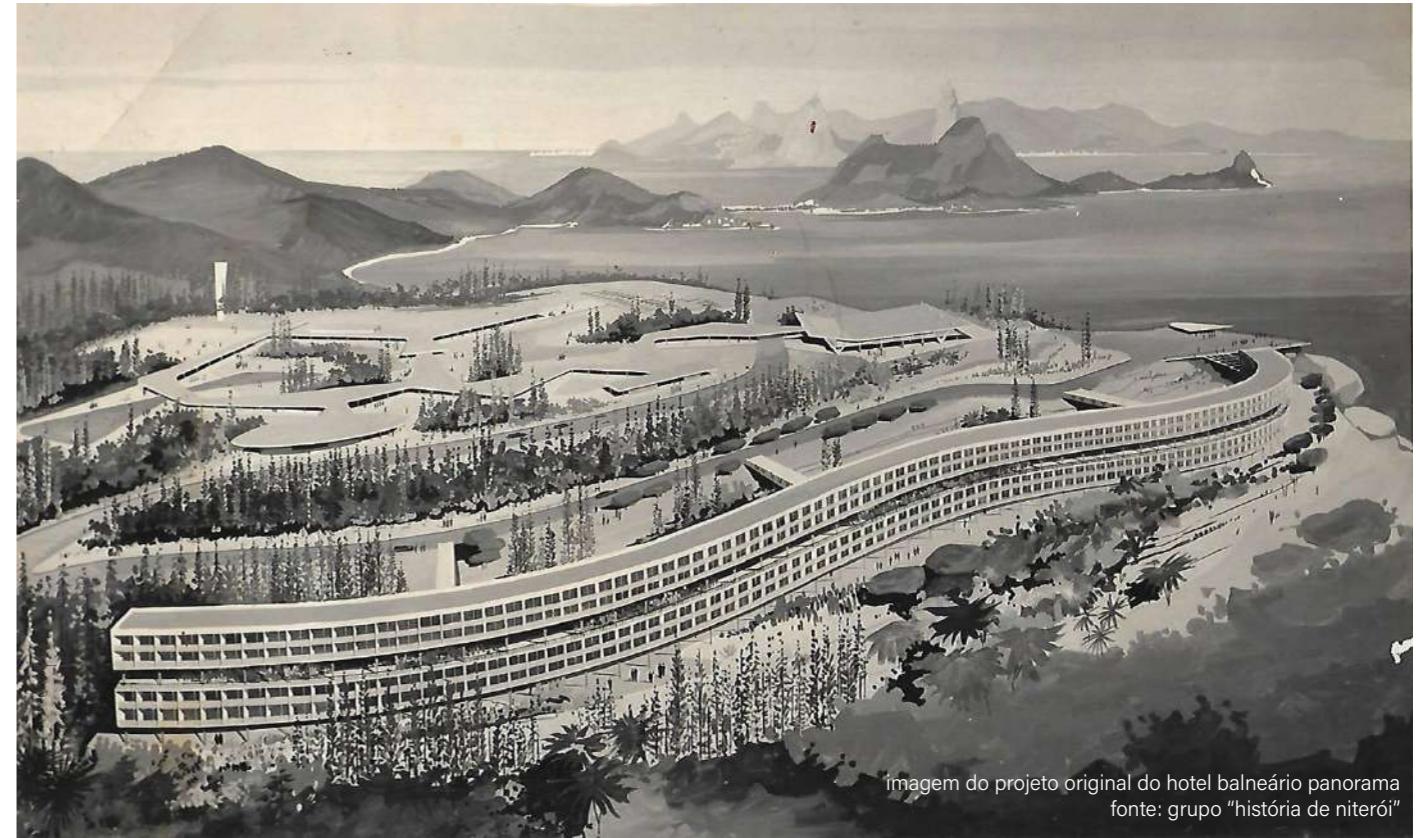


imagem do projeto original do hotel balneário panorama
fonte: grupo "história de niterói"

De há muito que Niterói sente falta de um grande hotel de turismo. Um hotel com possibilidade de atrair turistas nacionais e estrangeiros, desejosos de repouso, bonitas paisagens, conforto, requinte, passeios, esporte e convívio social. A compreensão desse problema e a oportunidade de aquisição de um terreno maravilhosamente situado no Saco de São Francisco reuniram um grupo, do qual faço parte, a fim de materializar "Panorama Balneário Hotel".^[1]

Com um projeto modernista, o hotel em fita seria uma megaestrutura de 300 apartamentos em 7 pavimentos, a uma altitude de cerca de 220 metros, implantado em meio a uma floresta de eucaliptos - que seriam trazidos e plantados como parte do projeto paisagístico. O empreendimento contaria com diversos serviços como cinema, bares, restaurantes, salões de beleza, de festas e de bailes, lojas, boates... Tudo para acomodar e vender o estilo de vida de alto padrão da época.

Depois de diversas tentativas ao longo dos anos de manter o projeto vivo - como o inovador sistema de venda de cotas para arrecadar dinheiro para finalizar o projeto -, a obra foi abandonada três anos depois. É relevante mencionar

que apenas um ano depois do início das vendas das cotas, em 1958, os jornais já contavam com anúncios dos cotistas querendo revendê-las para amenizar o prejuízo que já imaginavam que teriam.

Aquilo que o fazia especial - a localização exclusiva, isolada e intocada, com acesso limitado e uma vista incrível - foi o que culminou em seu fim. Com a falta de acessos de qualidade para finalizar a obra - havia apenas estradinhas improvisadas que atravessavam a densa Mata Atlântica em direção ao hotel, nas quais apenas cavalos conseguiam trilhar, impossibilitando a chegada de caminhões e maquinários grandes - e a falta de investimentos adicionais, a obra foi abandonada. Desde então, o esqueleto do prédio - que corresponde a apenas um terço do projeto original - faz parte da paisagem de Niterói, sendo passado de dono em dono desde a sua paralisação e sem nenhuma previsão de conclusão do projeto, um verdadeiro "elefante branco".

Isenção de todos impostos para hotéis

Sem bons estabelecimentos desse gênero não podemos pensar em desenvolver o turismo — Fala à reportagem o sr. Umberto Stramandinoii do Conselho de Turismo da C.N.C., sobre o próximo Congresso Nacional Hoteleiro

A Confederação Nacional do Comércio, pelo seu Conselho de Turismo, está dando todo apoio à realização do XI Congresso Nacional Hoteleiro, a reunir-se na vizinha Capital, de 18 a 24 de outubro, no Hotel Glória, com o comparecimento de proprietários dos principais hotéis de todo o Brasil.

A propósito do congresso, que é

tructo de novos hotéis e remodelação dos já existentes. Para o estabelecimento dessas prioridades é, aliás, de grande valia a organização do inventário turístico nacional que está sendo ultimado pela COMBRATUR e que poderá indicar, com precisão, quais as regiões que apresentam reais condições para a prática do turismo, e que

recurso do jornal "o fluminense", 1959
fonte: biblioteca nacional

Adquira o seu Título de Proprietário do **Panorama Balneário Hotel**
A MAIS BELA REALIZAÇÃO TURÍSTICA DA BAIA DA GUANABARA

Obras do «PANORAMA BALNEARIO HOTEL» em São Francisco-Niterói construído em condomínio pela CIA. BRASILEIRA DE TURISMO. O Hotel terá inúmeras inovações inclusive serviço de bondes aéreos semelhantes aos existentes nos Alpes.

Av. 13 de Maio, 47, 24º and. Av. Amaral Peixoto, 35 - Grupo 2402 - Tel: 32-9546 9º andar - Grupo 303 - Rio de Janeiro (GB) Tel: 3764 - Niterói (RJ) Praia de São Francisco, 345 - Niterói - Estado do Rio

recurso do jornal "diário de notícias (RJ)", 1964
fonte: biblioteca nacional

VOÇÊ PODE SER DONO:

- DA MAIS BELA VISTA DA GUANABARA, DEFRENTE AO PÃO DE AÇÚCAR
- DE 15 DIAS DE FÉRIAS, TODOS OS ANOS, EM HOTEL COM TODO O CONFORTO E DIVERSÕES QUE V. POSSA IMAGINAR.
- OU, SE PREFERIR, DA RENDA EQUIVALENTE A ESSES 15 DIAS.

POR APENAS Cr\$ 3.500, MENSALMENTE

ADQUIRINDO SUA COTA DO

Panorama
BALNEARIO HOTEL

* é praia e é montanha,
* é cidade e é campo,
* é mar e céu também!

e é, ainda, um excelente investimento de capital — uma propriedade em continua valorização.

Remeta, preenchido, o cupão abaixo e receberá informações completas sobre esse notável empreendimento turístico. Ou faça-nos uma visita e conheça o Panorama Balneário Hotel, já em adiantada fase de construção, no Saco de São Francisco, em Niterói.

Vocês exclusivos:
Empreendimentos Imobiliários S.A.
Rua Álvaro Alvim, 21 - Grupo 609
Tel: 52-6270 - Rio de Janeiro - GB
Endereço:
Cidade: Telefone:

recurso do jornal "correio da manhã (RJ)", 1962
fonte: biblioteca nacional

ESTE É DIFERENTE!
a 6 mil metros da Avenida Rio Branco!

Panorama
BALNEARIO HOTEL

ENSEADA DE S. FRANCISCO - Defrente ao Pão de Açúcar

HOTEL - RESTAURANTE - BOITE - AMERICAN BAR - SALÕES DE FESTAS E BAILES - JOGOS

INSTITUTO DE BELEZA - SAUNA - LOJAS - PARQUE - GUARDAS DE ESPORTES

CINEMA - PLAY-GROUND - PISCINAS

CONSTRUÇÃO NA 5ª LAJE

TÍTULO DE PROPRIEDADE IMOBILIÁRIA EM PRESTAÇÕES MENSALIS DE Cr\$4.950

COMPANHIA BRASILEIRA DE TURISMO
Av. 13 de Maio, 47 - Grupo 2402
Tel: 32-9546 - RIO

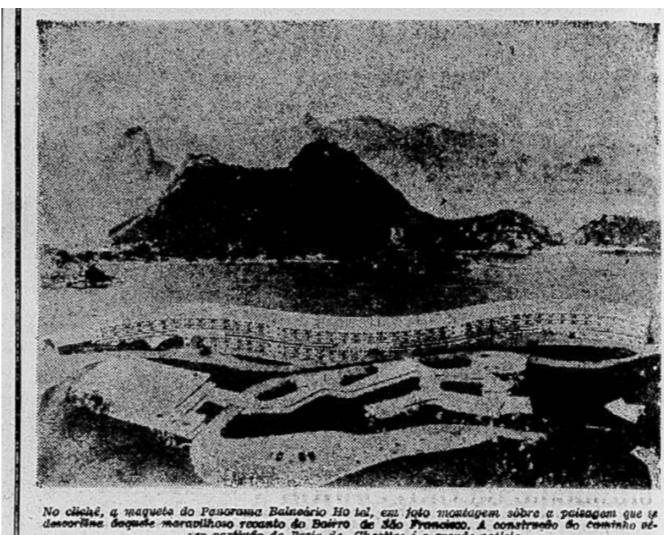
POR ENVIAR-ME FOLHETO EXPLICATIVO
"PANORAMA BALNEARIO HOTEL"

SORTEIO MENSAL GRATIS DE UM CARRO VOLKSWAGEN

12

recurso do jornal "diário de notícias (RJ)", 1963
fonte: biblioteca nacional

início e abandono das obras



Niterói terá também caminho aéreo

Foi em 1958 que o engenheiro Aldo Rossi começou a acalentar o sonho de construção do Panorama Balneário Hotel, localizado o mar, de onde se desfrutaria paisagem maravilhosa e total da Baía da Guanabara, desde encontro perfeito o ideal de instalar, a 200 metros de altura, o que já era considerado que ocorreria dentro de 22.000m², em terreno de 60.000m². Então, a subida foi feita a cavalo, deixando fazer o melhor, a Companhia Brasileira de Turismo, que procedeu a acurados estudos, entre

RIO HOTEL dará sua contribuição à Secretaria de Turismo do Estado da Guanabara, com a oferta de 700 apartamentos para turistas.

Além da estrada que liga a Praia do Charitas no alto do Pernambuco, a empresa já colocou em funcionamento de tráfego mais duas ligações via terra: a Estrada do Imbetá, obras mal finalizadas, que quer auxílio governamental. Mas a grande atração a ser acrescentada ao magnífico centro de turismo que se constrói no alto do Morro do Pão de Açúcar é o projeto pelo caminho aéreo. Deixando, do tipo nos Alpes italianos, com capacidade para 12 passageiros, o Panorama BALNEARIO HOTEL Volleremos ao assunto, com dados técnicos sobre essa realização ousada da Companhia Brasileira de Turismo, que sede na Av. Amaral Peixoto, 35, tel. 3764 - Niterói, e na Guanabara, Av. 13 de Maio, 47, 24º and., grupo 2402, tel. 32-9546.

METRÓPOLE IMÓVEIS

recurso do jornal "diário carioca", 1964
fonte: biblioteca nacional

Leitor Pergunta

José Carlos Dias, M. Hernandes, Rio — Já enviamos as respostas ao seu pedido sobre os preços de estadia nos hotéis da GB. Não podemos garantir que continuem os mesmos, face aos constantes aumentos do custo de vida, proximidade do Carnaval etc. Nessa época, os hotéis já devem estar superlotados e conveniente seria se V. tivesse a reserva desde agora. Disponha e muito obrigado.

Alvaro Borges, Niterói — A Agência de Viagens Siga, na Av. S. José, 90, Gr. 710, faz uma excursão a Brasília, em avião "Convair" que parte do Santos Dumont, pela manhã e regressa à noite. Custa Cr\$ 30 mil, tudo incluído. Boa oportunidade para conhecer Brasília. Porca o medo de avião. V. vai gostar.

Cartas para: av. Almirante Barroso, 4-A - Rio.

TURISTA ENTREGUE À

Ninguém Para Muita Gente P

O TURISTA está com dor de cabeça. Louco da vida, arrumou a mala e saiu de casa.

recurso do jornal "diário de notícias (RJ)", 1963
fonte: biblioteca nacional

Combratur constrói hotel em Niterói com 7 andares

O Turismo — a segunda indústria mais rentável do mundo, inferior apenas à petróleo — tem recebido do Governo federal uma série de incentivos que ficaram com que ela experimentasse o maior surto de toda sua história no Brasil. São hotéis que surgem em todas as regiões, excursões que se promovem em ritmo crescente, programas e projetos, conferências e seminários, tudo num intuito de aumentar o potencial turístico do Brasil.

Dentro deste espírito, foi criada a Companhia Brasileira de Turismo — Combratur —, em 1957, uma realização plenamente justificada por suas diferentes atividades em todas as áreas da indústria turística nacional. A Combratur é uma resposta positiva aos incentivos do Governo. Sua primeira atividade foi a construção do Complexo Hoteleiro de Niterói, um empreendimento com 7 andares, hospedagem para 788 hóspedes, privilegiadamente localizado, em frente ao Pão de Açúcar, no bairro de São Francisco, na capital fluminense.

Caminho aéreo

Uma das maiores atrações turísticas, além de boa fonte de renda, é o caminho aéreo que a empresa vai construir para ligar o hotel —

construído a 190 metros do mar — com a praia. O sistema utilizará um monoférico, já conhecido entre os homens de turismo como "as bolhas da Combratur".

Este é mais um serviço que a Combratur vai oferecer a seus hóspedes, ao lado de eficiência dos serviços normais de hotelaria, de restaurantes com cozinha internacional de primeira categoria e conforto excepcional.

O capital

O capital social integrado da Combratur é, no momento, de 4 milhões de cruzados, e seu patrimônio imobilizado, sem qualquer gravame, atinge a Cr\$ 15.785.301,00. O patrimônio líquido se eleva, atualmente, a Cr\$ 24.712.000,00, o que corresponde a um valor patrimonial por ação de Cr\$ 1,92. A empresa tem 1.855 acionistas.

A Combratur é uma das mais importantes empresas turísticas do Estado do Rio de Janeiro, e participa expressivamente dos empreendimentos que colaboram efetivamente para o desenvolvimento da indústria turística nacional.

A empresa participa também do desenvolvimento

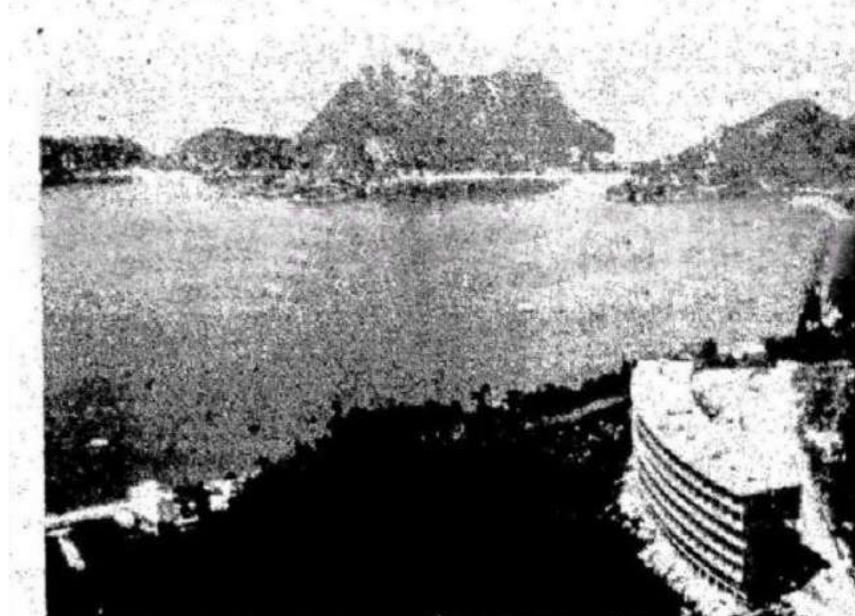
do mercado de capitais brasileiro, através da democratização de seu capital.

Político favorável

Para execução da política governamental de incentivo ao Turismo foram instituídos, pelo Decreto-lei n.º 55, de 18 de novembro de 1966, dois órgãos públicos: o Conselho Nacional de Turismo — CNTur — e a Empresa Brasileira de Turismo — Embratur —, ambos vinculados ao Ministério da Indústria e Comércio.

O Governo federal, através de outros decretos, equiparou a indústria de Turismo aos empreendimentos básicos, possibilitou a criação de uma série de estímulos fiscais e facilidades creditícias que auxiliaram o desenvolvimento do setor. Os empreendimentos hoteleiros e similares gozariam de isenção fiscal de todos os tributos federais, exceto os da Previdência Social, pelo prazo de dez anos, se aprovados pelo CNTur.

Dentro deste clima, é fácil deduzir-se que a indústria do Turismo no Brasil só tende a aumentar e, em curto prazo, conceder a seus investidores excelentes resultados financeiros e, ao Governo, a recompensa de todos os incentivos e atenções recebidas.



recurso do jornal "o globo", 1972
fonte: grupo "história de niterói"

poesia concreta: arquitetura, ruina e cultura

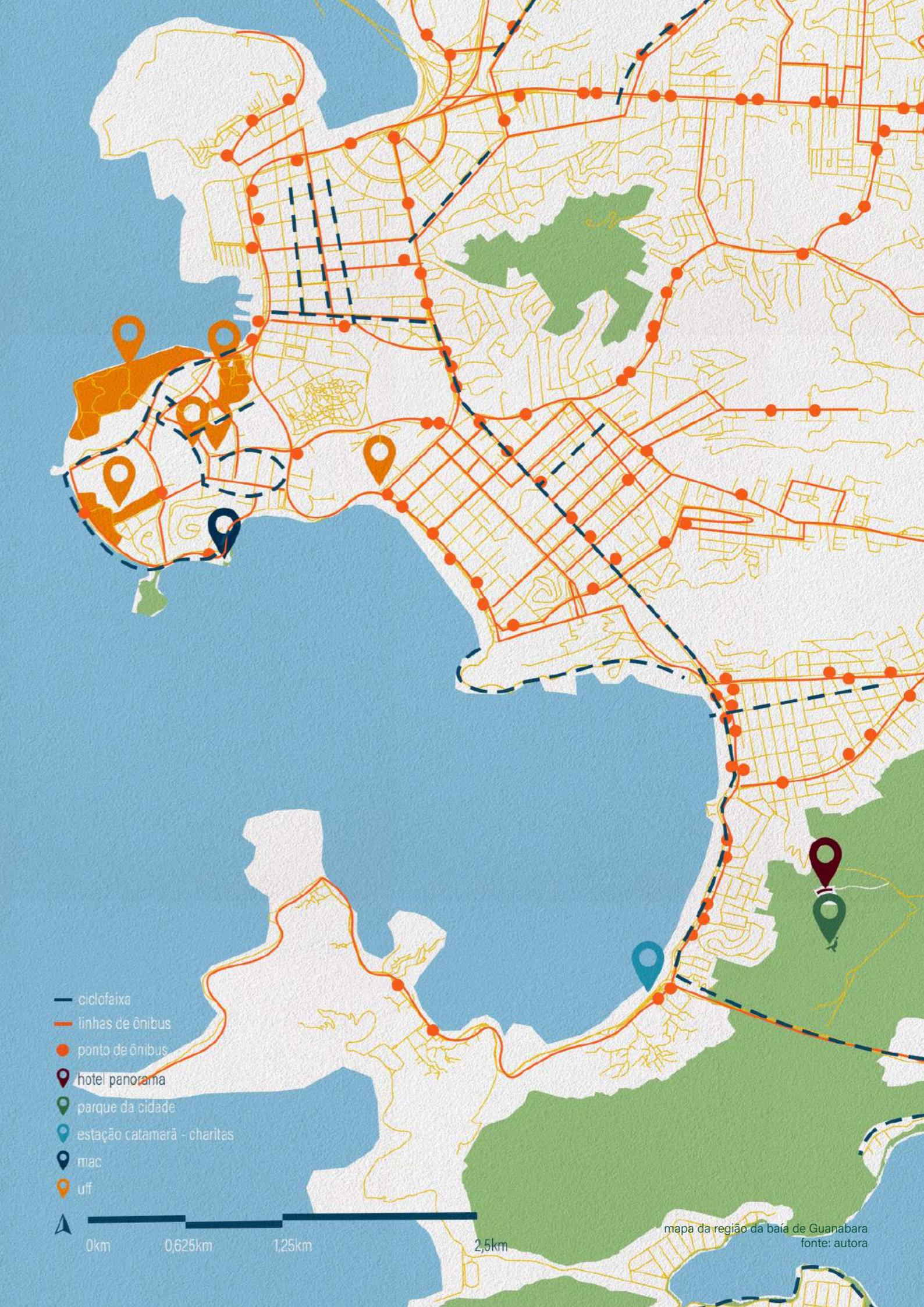


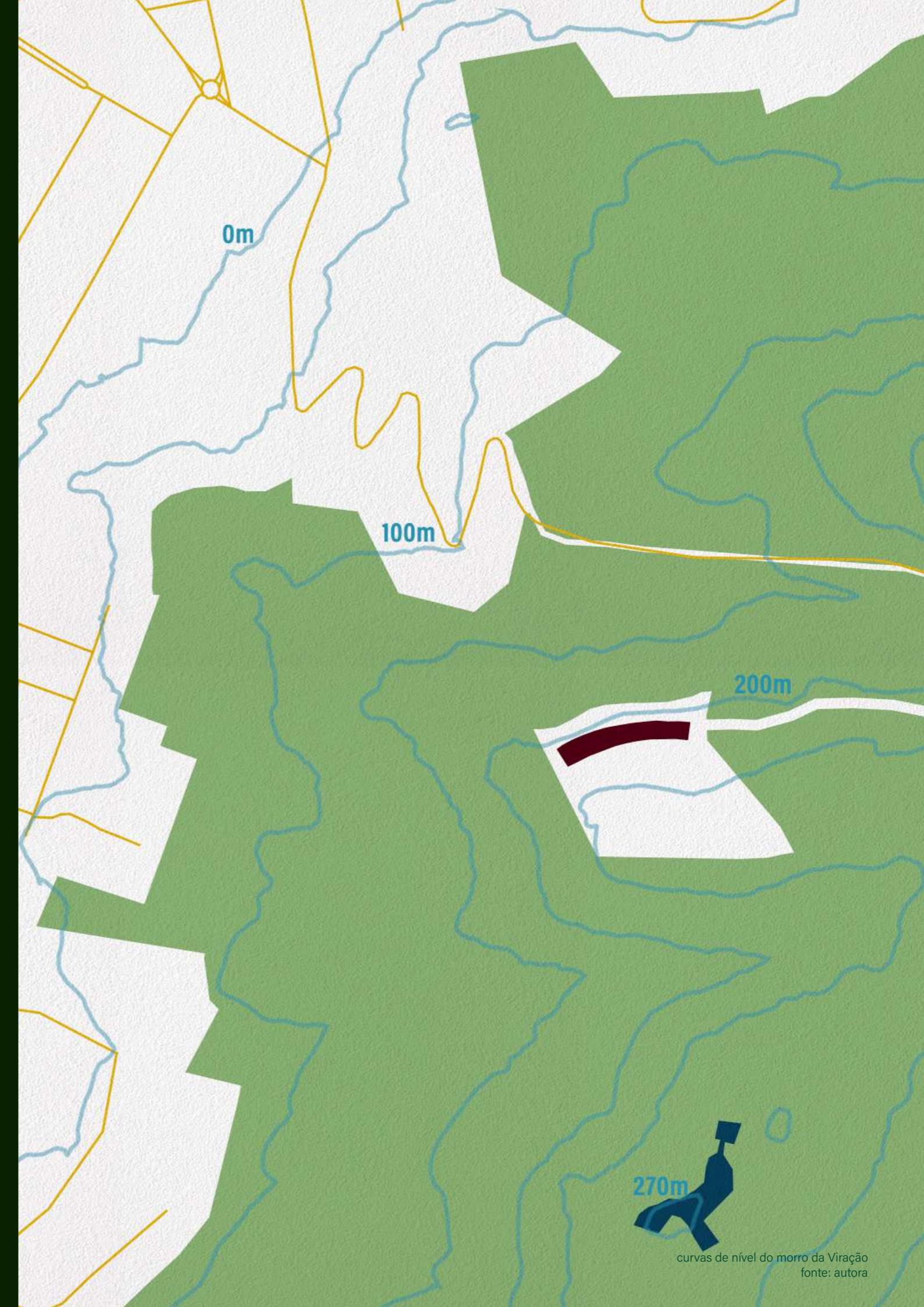
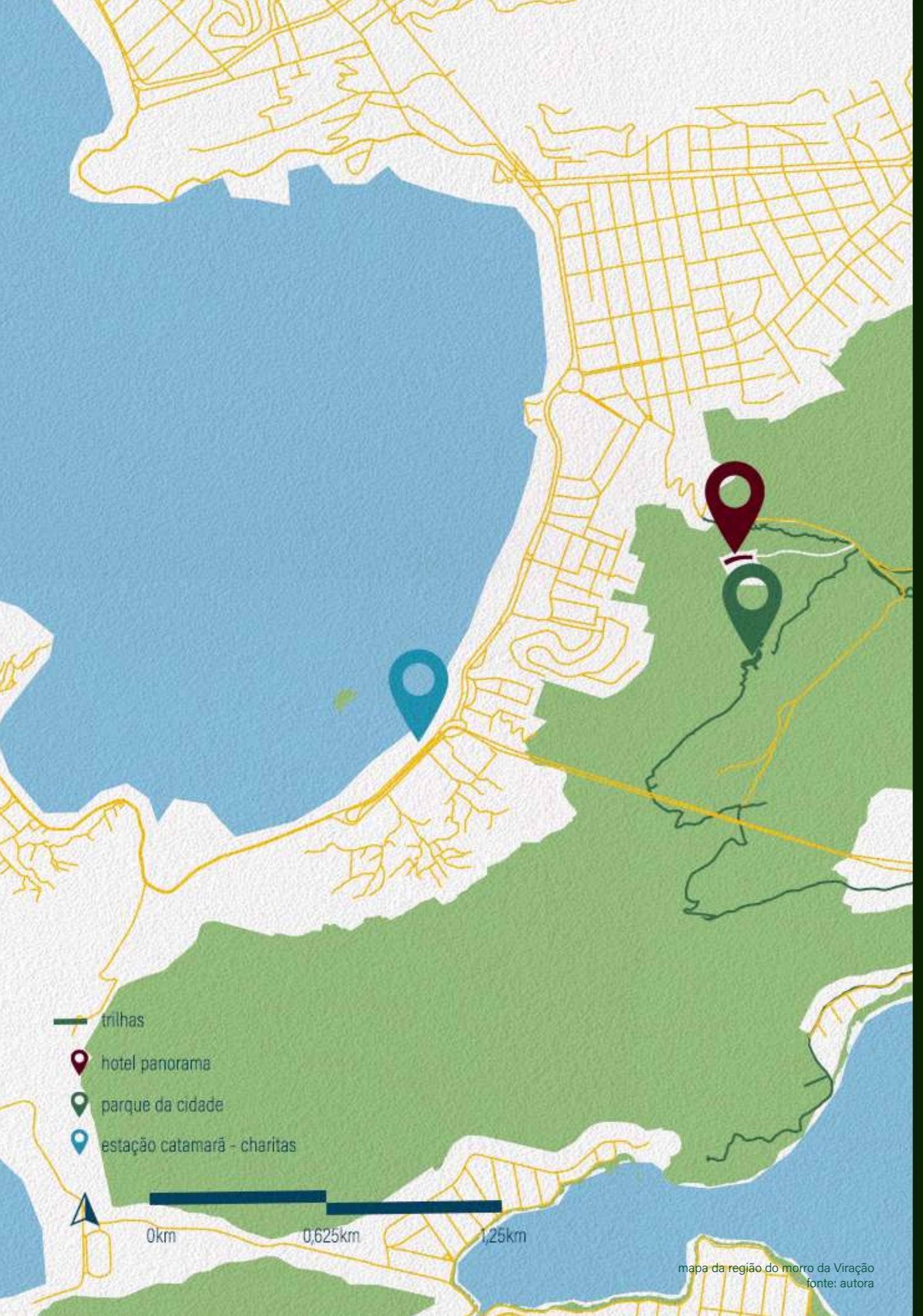
baía de Guanabara
fonte: quinto andar

leitura da área

LEITURA DA ÁREA

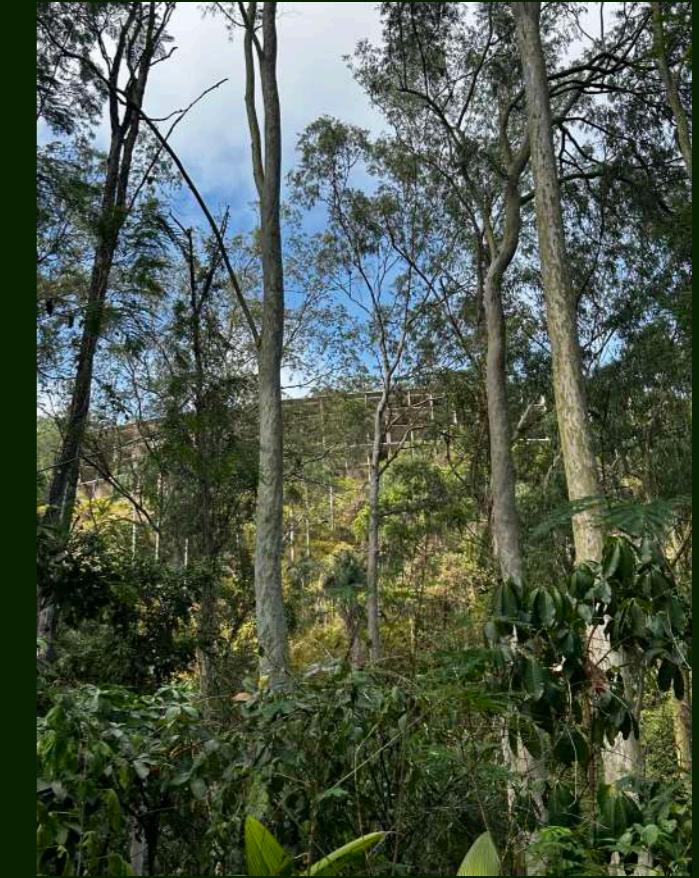
Os mapas a seguir mostram algumas relações espaciais importantes, como pontos relevantes do entorno - o MAC e a UFF, por exemplo -, as linhas e pontos de ônibus, a estação de catamarã que, além de ser o último ponto do Caminho Niemeyer, liga Niterói à cidade do Rio, as ciclofaixas e trilhas por perto e as curvas de nível do morro.







MORRO DA VIRACÃO



PARQUE DA CIDADE



parque da cidade
fonte: prefeitura de niterói



parque da cidade
fonte: instagram @digital.peace.drone

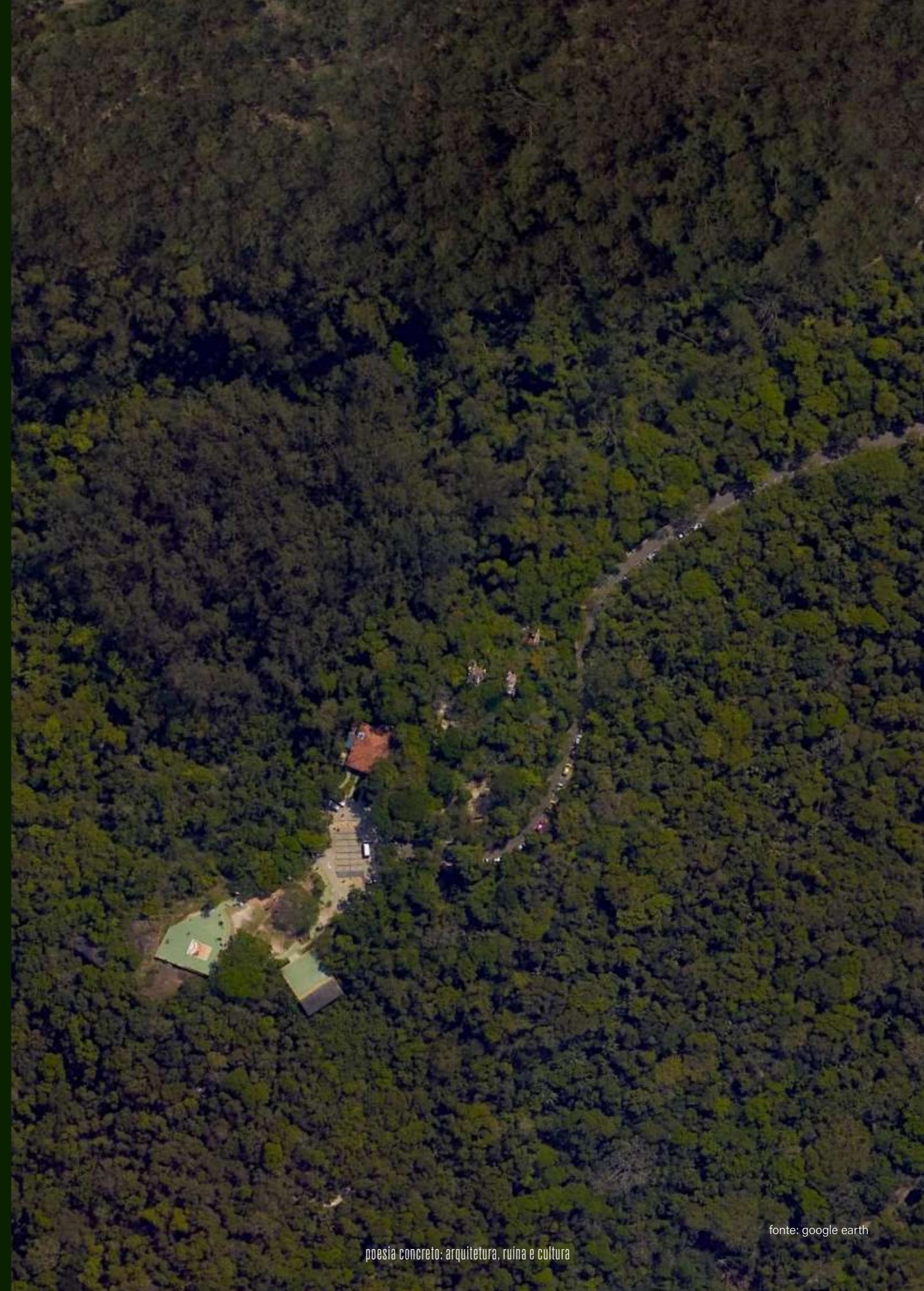


estacionamento do parque da cidade com uma pista de voo à esquerda
fonte: google earth



acesso ao parque da cidade da estrada nossa senhora de Lourdes
fonte: google earth

leitura da área



poesia concreto: arquitetura, ruina e cultura
fonte: google earth



HOTEL PANORAMA



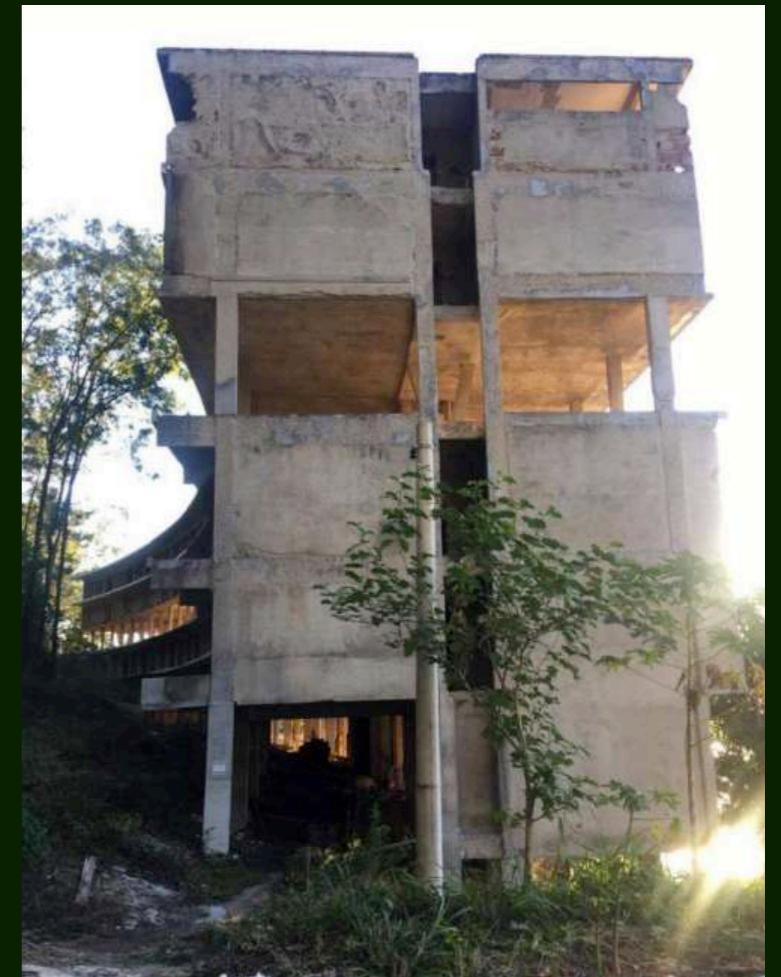
pavimento de acesso do hotel panorama
fonte: o globo



quartos do hotel panorama
fonte: o globo



pavimento de acesso do hotel panorama
fonte: o globo



elevação leste do hotel panorama
fonte: fernanda f. barreto



hotel panorama
fonte: marcelo rizzeto



hotel panorama
fonte: o globo

A CONSTRUÇÃO DE UMA MEMÓRIA

"A Grandeza já não precisa da cidade: ela compete com a cidade; ela representa a cidade; ela antecipa-se à cidade; ou melhor ainda, ela é a cidade."

- Rem Koolhaas,
Bigness

DA MONUMENTALIDADE DE UM PROJETO AO COTIDIANO DE UMA FORMA

O Hotel Panorama é um marco da paisagem niteroiense há décadas e, devido a isso, seu esqueleto já virou parte imagética da cidade e, especificamente, dos bairros de São Francisco e Charitas. Sua monumentalidade está presente na paisagem há tantas décadas que seria difícil de imaginar o morro da Viração sem sua ossada.

No artigo "A vida de um monumento: arquitetura, memória e transformação", de Rachel Paterman^[2], a autora discorre sobre a abstração de um projeto, por mais monumental que ele seja, no cotidiano das pessoas, quando elas estão imersas em suas idas e vindas e já não percebem seu entorno.

Ela vai falar sobre como a apropriação de um projeto monumental em sua existência concreta é vinculado às relações sociais e simbólicas das quais o edifício está inserido e, como objeto de estudos para ilustrar seu artigo, Paterman traz o Palácio de Capanema, no Rio de Janeiro - antiga sede do Ministério da Educação e da Saúde. A análise feita pela autora é que o projeto, apesar de tombado e de ser um marco da arquitetura moderna brasileira, assume um papel muito mais banal no dia a dia do que na história. Sua forma concreta evoca usos cotidianos que transformam o projeto em si, desprendendo-o do projeto abstrato que foi concebido e tombado, provocando transformações materiais características desse processo de apropriação dos usos e da rotina.

Uma evidência disso que ela traz são os jardins do Palácio, projetados por Burle Marx, que no projeto original foram pensados caminhos orgânicos que harmonizam e contrastam com as linhas modernas, mas que na prática, no dia a dia, as pessoas cortam essas caminhos pela grama, não seguindo o proposto por Burle Marx. Em consequência disso, foi necessário adicionar cercas discretas ao redor desses canteiros para impedir as pessoas de os atravessa-

[2]. Artigo publicado na Revista Antropolítica em 2015, pela autora Rachel Paterman, doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da UFRJ.

rem. Isso é o que a autora chama de "memória cotidiana", que difere da "memória monumental" na medida em que o uso e a apropriação divergem da dimensão projetual formal. Essa "memória cotidiana" nada mais é que as evidências de um uso espontâneo da forma concreta do projeto, um uso que não foi previsto em seu momento de concepção e que, nesse caso, não é bem vindo.

É possível aplicar essa noção de "memória cotidiana" - que transforma a forma concreta do projeto no plano abstrato - à ossada do Hotel Panorama, que está presente na vida do niteroiense há décadas e, nesse período, já foi apropriado e desapropriado, foi ocupação com algumas famílias e depois foi desocupado, já virou ponto turístico com suas trilhas abertas e, agora, é completamente fechado ao público, com cercas elétricas e guardas à espreita. Tudo isso aconteceu a partir de ações sobre o edifício por parte das pessoas que viam diariamente toda aquela monumentalidade e adicionavam camadas de usos mas, assim como os canteiros de Burle Marx, sempre havia uma resposta na ponta do lápis para esse uso espontâneo.

Depoimentos do grupo de Facebook "História de Niterói", onde niteroienses publicam fotos e artigos抗igos, bem como discutem sobre diferentes épocas, mostram essa característica cotidiana atribuída ao hotel. Os relatos dos moradores do bairro retratam essa nostalgia em relação ao projeto e o vínculo que eles têm com a edificação.

Neir Octávio da Costa, nascido em 1954 - pouco antes de começarem as obras do hotel - diz:

“ Não tenho lembrança do que dizem os jornais quando o projeto foi lançado e de toda a suntuosidade que o Panorama traria para a cidade. Para mim, a paisagem de São Francisco sempre possuiu aquele esqueleto que carregava consigo um mistério do que poderia ter sido. Depois de tantos anos, muitas vezes me surpreendia de encontrá-lo na paisagem. Seria interessante poder ver, em primeira mão, a vista que tanto diziam ser magnífica de dentro de um edifício que agregasse algo para Niterói.”

Já Cristiane Alvarim, de 48 anos, comenta:

“ Estive no local do terreno várias vezes durante minha infância. Tive um professor de Educação Física, no Colégio Assunção, que nos fazia subir a trilha durante as aulas.”

Por fim, Justina Huet Wollner fala:

“ Já fui ao esqueleto do Panorama algumas vezes através da trilha. A vista é de tirar o fôlego... Com as trilhas fazendo cada vez mais sucesso, é muito comum ver diversas pessoas indo até o esqueleto para tirar fotos.”^[3]

[3]. Todos os depoimentos foram recolhidos ao fim do ano de 2021, quando algumas movimentações foram observadas no terreno, insinuando uma retomada das obras que até o presente momento não recomeçou.

Esses são alguns relatos que transmitem a mensagem daqueles que cresceram pela região e que, principalmente, passaram seus anos mais aventureiros e rebeldes por ali, admirando, imaginando e explorando o hotel. Apenas esses - e me incluo nesses - sentem, em um plano mais abstrato, que o hotel, de uma forma ou de outra, está para ficar, porque imaginar o morro da Viração sem sua ruína não parece possível para o niteroiense. Por mais que ele esteja no plano da abstração cotidiana das pessoas há tanto tempo - justamente por estar lá, intocado e largado às traças, há décadas -, não tê-lo cravado ali na paisagem gritaria mais alto do que o que se tem hoje: uma ossada no meio da Mata Atlântica.



RENOVAR NÃO É DERRUBAR: COMO PRESERVAR A FIGURA EMBLEMÁTICA DO HOTEL PANORAMA NA PAISAGEM NITEROIENSE



Os lugares, por serem como são, dizem de uma só vez uma porção de coisas para um monte de gente. Apresentam conformações cumulativas. Estão no presente, mas podem demonstrar como já foi e como, talvez, será", escreveu o arquiteto e urbanista Carlos Nelson Ferreira dos Santos^[4] no artigo "Preservar não é tombar, renovar não é pôr tudo abaixo". Essa citação, que coloquei logo no início e com uma imagem antiga do hotel ilustrando-a, norteou meu processo de trabalho e diz muito sobre a minha intervenção: um olhar para o passado de uma construção, compreendendo o que ela foi e o que ela significa no presente e, a partir disso, olhar para o futuro, sem perder de vista toda essa trajetória.

Nesse mesmo artigo, o autor discorre sobre como as cidades estão em constante transformação, sobre como a humanidade as constrói para emoldurar as histórias que serão criadas ali e que, a partir do momento que elas param, que o diálogo entre o espaço e o tempo cessa, elas deixam de cumprir seu papel, elas deixam de ser cidade,



"Viram museus, cemitérios, cenários de turismo, o que se quiser... Não merecem mais ser consideradas centros urbanos reais."

Ele vai discorrer também sobre a necessidade ou não do tombamento de edificações, trazendo uma perspectiva muito prática em relação ao assunto, essencialmente dizendo que o jeito que a preservação tem sido praticada não é apreciada por ninguém; não pelo governo - que fica responsável por bens que não pode ou não quer conservar -; não pelos proprietários - que são impostos restrições e proibições que não os permitem fazer um uso pleno de suas propriedades -; e não pelo público - que vê certas edificações tendo a devida manutenção e outras, com muito mais significância para eles, não terem o mesmo tratamento.

[4]. Carlos Nelson Ferreira dos Santos foi um arquiteto, mestre em antropologia social e doutor em arquitetura pela Universidade de São Paulo.

Ao final, Santos chega à conclusão de que não é prioridade mais tombar esses edifícios monumentais ou derrubá-los completamente, mas sim que "muito mais urgente é manter as cidades vivas, oxigenar a sua água, em vez de trocá-la de vez." Ou seja, para ele, é muito mais válido e interessante ressignificar os usos e adaptar as edificações ao presente do que preservá-las completamente, alimentando a dinamicidade essencial para uma cidade que quer se manter ativa, renovada, pulsante.

Uma aproximação pode ser feita em relação ao Hotel Panorama e como escolhi abordá-lo. Sua ossada reflete um período modernista, de fomento, de um desejo político muito definido e para um público muito definido; e ele estagnou, virou uma ruína que simboliza essa época, e que apesar de já fazer parte da paisagem, não combina mais com o bairro residencial que se desenvolveu em seu entorno.

Apesar de não existir e nunca ter existido um projeto para tombá-lo, sua estagnação no tempo e na sua forma concreta se assemelha a uma quantidade incontável de imóveis por todos os centros urbanos que são tombados e largados, sem a devida manutenção e sem uma renovação de uso por causa desse engessamento.

Adicionar um uso é imprescindível, pois sua condição extraordinária - com uma vista inacreditável e no meio de uma APA - é completamente atrofiada. Reformar e remodelar essa ossada é parte desse processo, para buscar uma atualização de uso e forma que converse com as necessidades e desejos de uma população que guarda o hotel com tanto esmero em suas mentes. Quero contrapor esse retrato congelado da época - essa imagem que está na cabeça das pessoas do edifício abandonado - com um uso cultural e dinâmico, para refletir o espírito do niteroiense e da sua cidade.



hotel panorama
fonte: o globo



A CONSTRUÇÃO DE UM PROJETO

"A melhor razão para enfrentar a questão da Grandeza é a que é dada pelos alpinistas do Monte Evereste: «porque está lá.»"

- Rem Koolhaas, Bigneess

O PROCESSO: DA ESCOLHA AO PROJETO



placa de contato no portão de acesso
fonte: autora

[5]. A Capital 1 é uma incorporadora e investidora do mercado imobiliário que fez um novo projeto para a reativação do hotel, com um grande estacionamento, um novo bloco hoteleiro e uma área de clube e spa, com quadras de tênis e piscinas.

Com essa grande construção inacabada que, como já discuti, é muito presente na paisagem e na história e cotidiano de Niterói, eu quis dar um uso na linha de produção - com ateliês destinados a oficinas - e difusão - com espaços expositivos, livres e de estar que se misturam -, mantendo o caráter de inacabado do edifício, pois é assim que o prédio está impresso na mente do niteroiense.

Ao visitar Niterói em maio, fui a campo fazer a trilha ao hotel com o meu avô. O que encontrei ao subir a estrada foi o acesso fechado por grades, portão e cercas elétricas, com um guarda armado e uma placa para não transpassar pois ali é propriedade privada, pertencente à Capital 1^[5]. Com um número disponível para contato, liguei para tentar conseguir visitar o local, contudo, a empresa me comunicou que não era do interesse deles que fosse às ruínas, mesmo depois de ter explicado que era apenas uma aluna e sobre o caráter do meu trabalho.

Ainda em Niterói, fui à Secretaria do Urbanismo para conseguir algum material que eles pudessem me dar sobre o projeto. Saí de lá apenas com o plano de zoneamento do morro da Viração que eles me ofereceram, no qual fala sobre a desapropriação que foi feita na ocupação que havia ali nas ruínas e fala também sobre a responsabilidade do proprietário do terreno de conter a floresta de eucaliptos que está se alastrando por lá por conta do projeto paisagístico original.

O que acabei usando de base para realizar o levantamento do local foram imagens de diversas fontes diferentes, além de outros trabalhos de alunos a respeito do hotel.



entrada para o acesso ao hotel
fonte: autora



Gordon Matta-Clark
fonte: tate.org.uk

uma primeira abordagem

UMA PRIMEIRA ABORDAGEM

[6]. Trecho do artigo "Pedra e Arvoredo" escrito pelo arquiteto Angelo Bucci, em 2003.

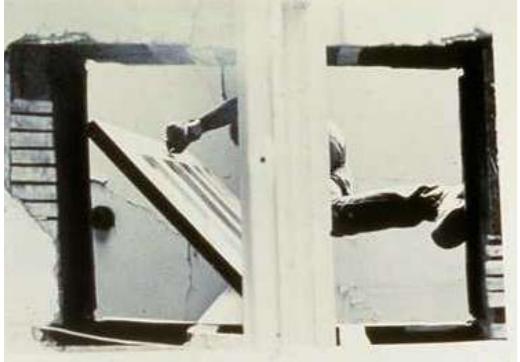
Três autores guiaram meu raciocínio de projeto ao longo do ano, culminando, essencialmente, em dois grandes gestos projetuais: Angelo Bucci, com seu artigo "Pedra e arvoredo", Bernard Tschumi, com seu livro "Architecture and disjunction" e Rem Koolhaas, com a sua arquitetura e o texto "Grandeza, ou o problema do grande". A partir deles, criei uma lógica de edifício e usos pautadas em seus textos, além de outras referências projetuais.

O que apreendi de Bucci e aplique à minha intervenção foi a noção de que o inacabado possui uma potência instigante. Ele me fez concluir que as obras não precisam ser arrematadas e polidas para serem finalizadas e ocupadas, pois

“

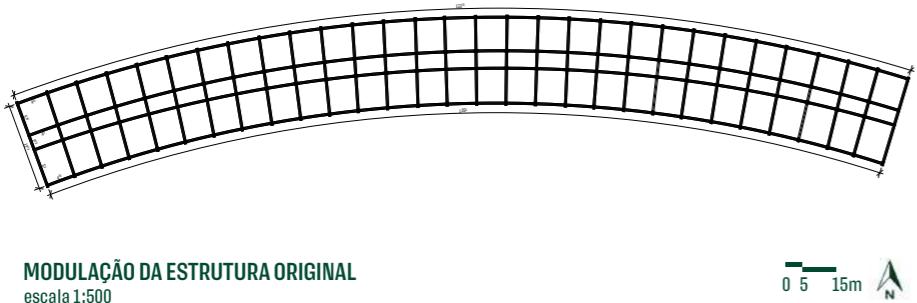
As construções em andamento, as obras inacabadas, têm essa graça: permitem que se veja com clareza possibilidades de configurações, possibilidades que a conclusão dos trabalhos tendem a esconder cada vez mais fundo. Talvez as melhores obras sejam aquelas que saibam conservar uma beleza que aparece antes de estarem prontas, melhor ainda, seriam obras que não ficasse prontas nunca”.^[6]

A conservação do Hotel Panorama na paisagem, nesse estado inacabado e suspenso no tempo, é, como apresentei ao longo do trabalho, normalizada e apreciada pelo niteroiense, que enxerga valor e beleza na obra. Portanto, além da mutabilidade que um espaço inacabado pode oferecer - ele sempre permitirá novas possibilidades, novas configurações, novos usos -, minha intervenção busca reforçar esse caráter incompleto do edifício, contrapondo sua forma parada no tempo com um uso dinâmico, fazendo com que a vida surja de dentro para fora.

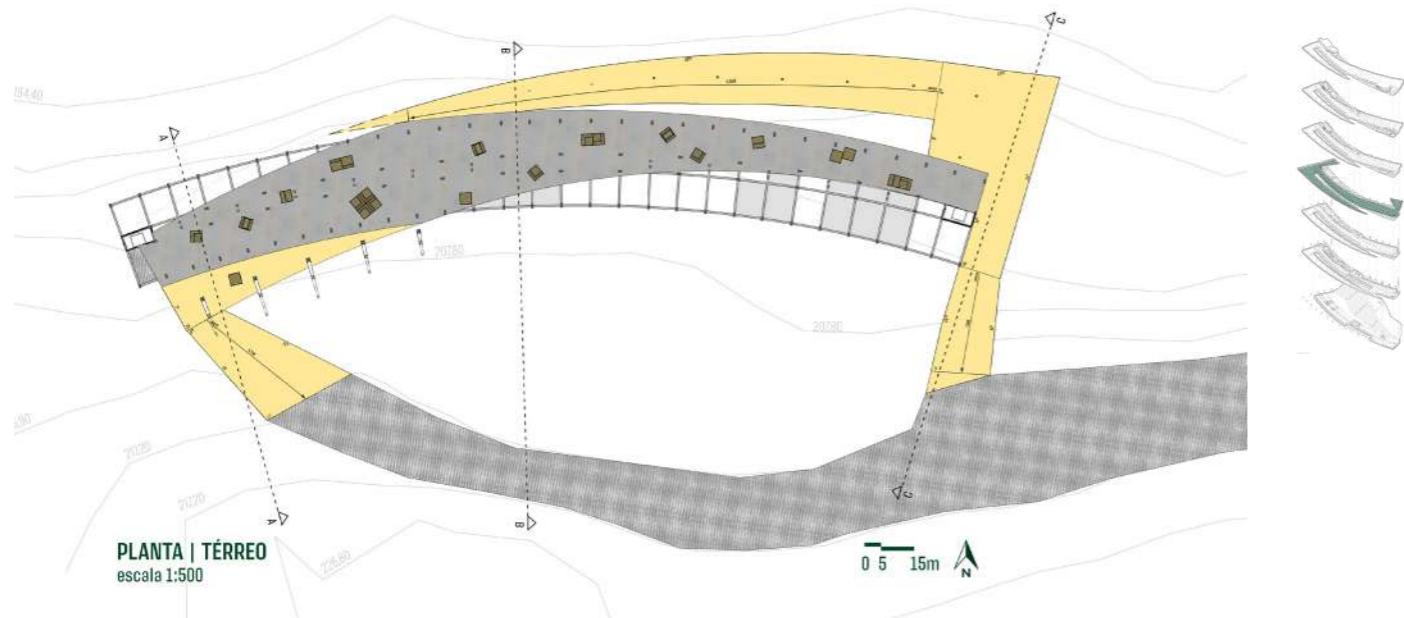


Gordon Matta-Clark
fonte: tate.org.uk

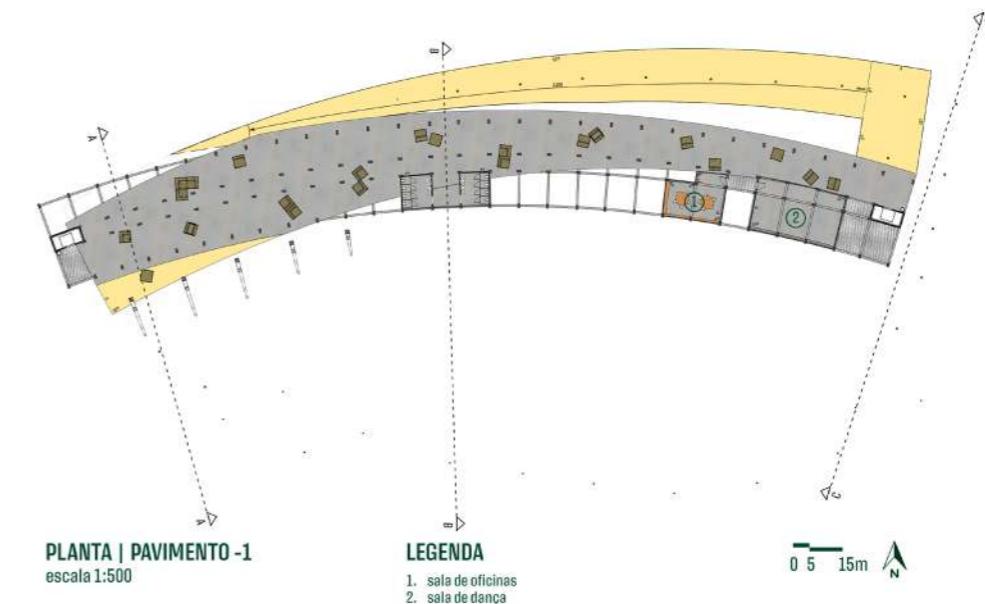
Sendo assim, para evidenciar esse caráter de incompleto e, ao mesmo tempo, incentivar o uso espontâneo do espaço, tive como principal referência o arquiteto e artista Gordon Matta-Clark, especificamente o seu trabalho "Building Cuts". A abordagem dele de evidenciar a arquitetura a partir de recortes nada convencionais inspirou um dos dois grandes gestos que mencionei: o recorte de diversas lajes e a extração das paredes de concreto para organizar o espaço em planta.



MODULAÇÃO DA ESTRUTURA ORIGINAL
escala 1:500

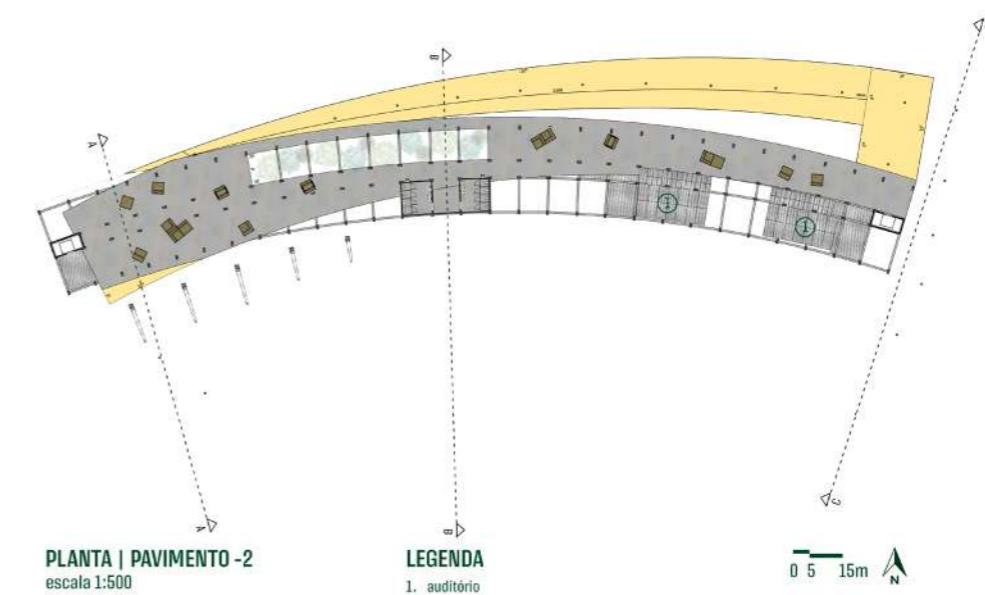


PLANTA | TÉRREO
escala 1:500



PLANTA | PAVIMENTO -1
escala 1:500

LEGENDA
1. sala de oficinas
2. sala de dança



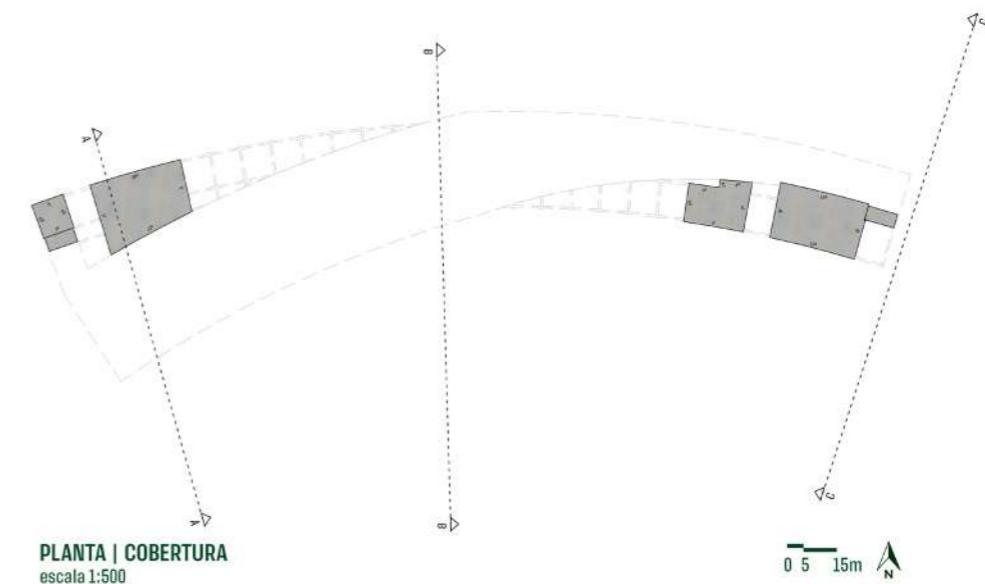
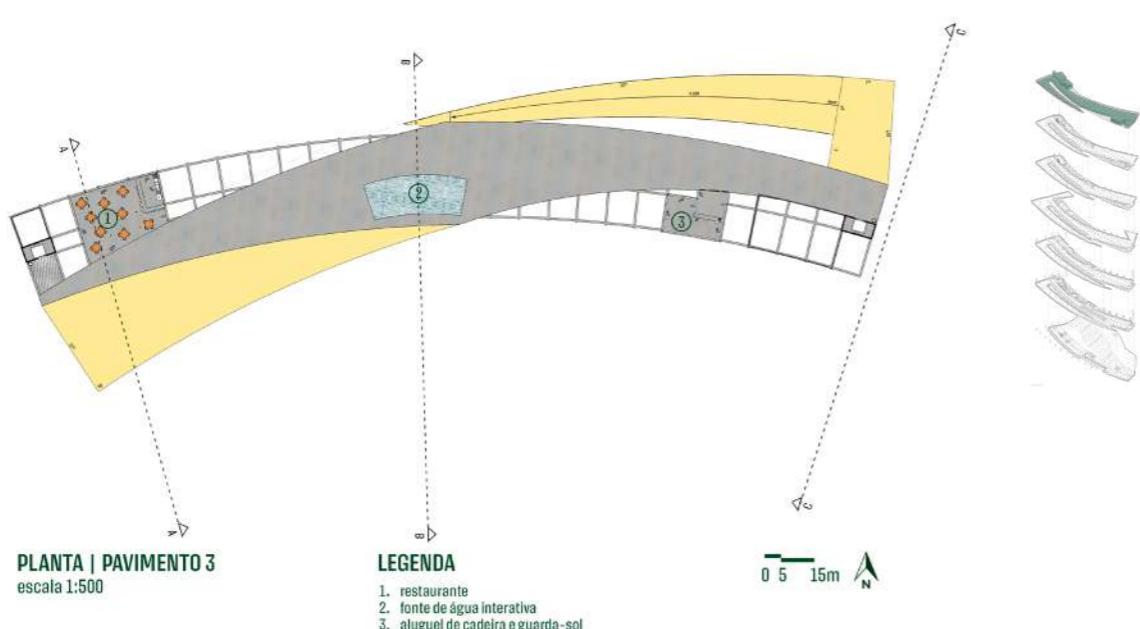
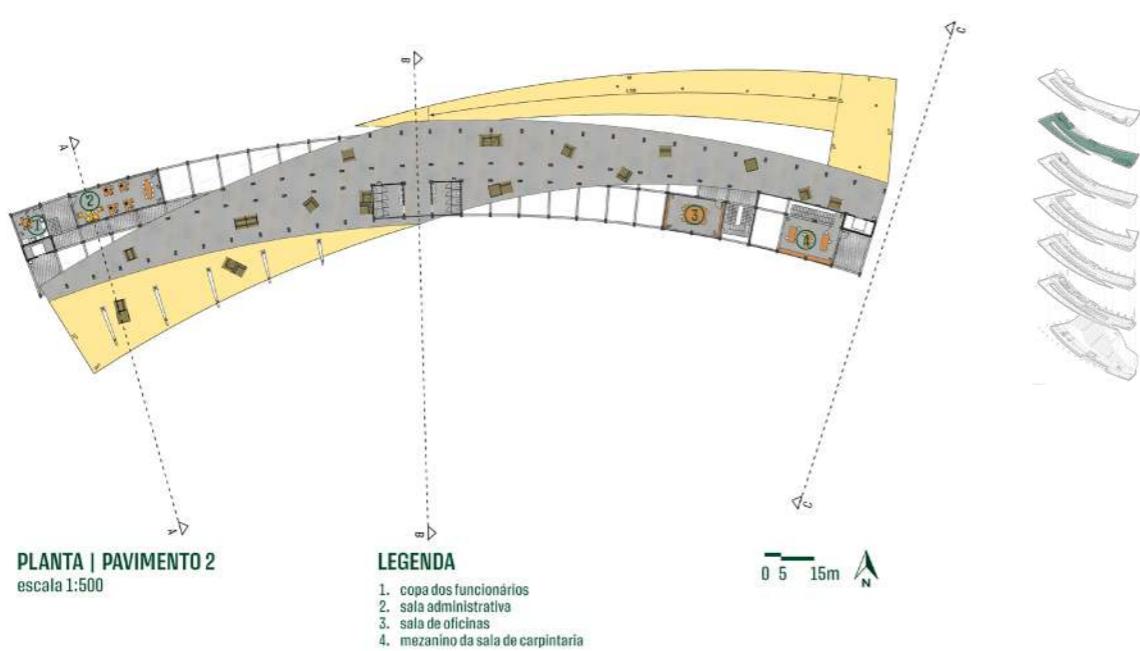
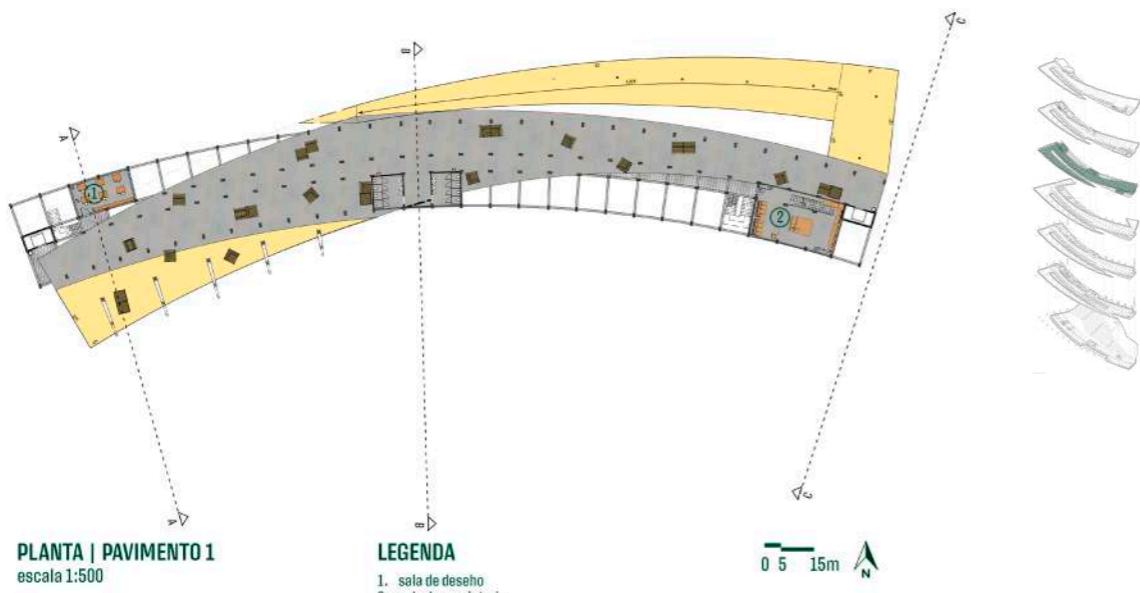
PLANTA | PAVIMENTO -2
escala 1:500

LEGENDA
1. auditório



PLANTA | PAVIMENTO -3
escala 1:500

LEGENDA
1. restaurante
2. tela de projeção
3. auditório
4. cabine de projeção



O que essa intervenção faz é revelar a ossada da construção e, com isso, mantém viva a memória da estrutura original, reforçando esse pedaço da história inacabada. Uma consequência desse gesto é a transparência - tanto pela retirada das paredes de concreto, quanto pela exposição das vigas - e para não perder esse aspecto, os fechamentos dos programas encapsulados - sala administrativa, salas para oficinas, sanitários e serviços - são feitos em vidro, vidro leitoso ou sem fechamento algum, para que o olhar não tenha obstruções - tanto para os olhos curiosos de quem ver o que está sendo produzido nas oficinas, quanto para os olhos de quem quer apreciar a vista que se tem de todos os lugares do projeto. Além disso, as partes em que as lajes foram removidas, mas que seria necessário alguma vedação para ter passagem, utilizei uma grelha metálica como piso para não obstruir a transparência que consegui atingir.



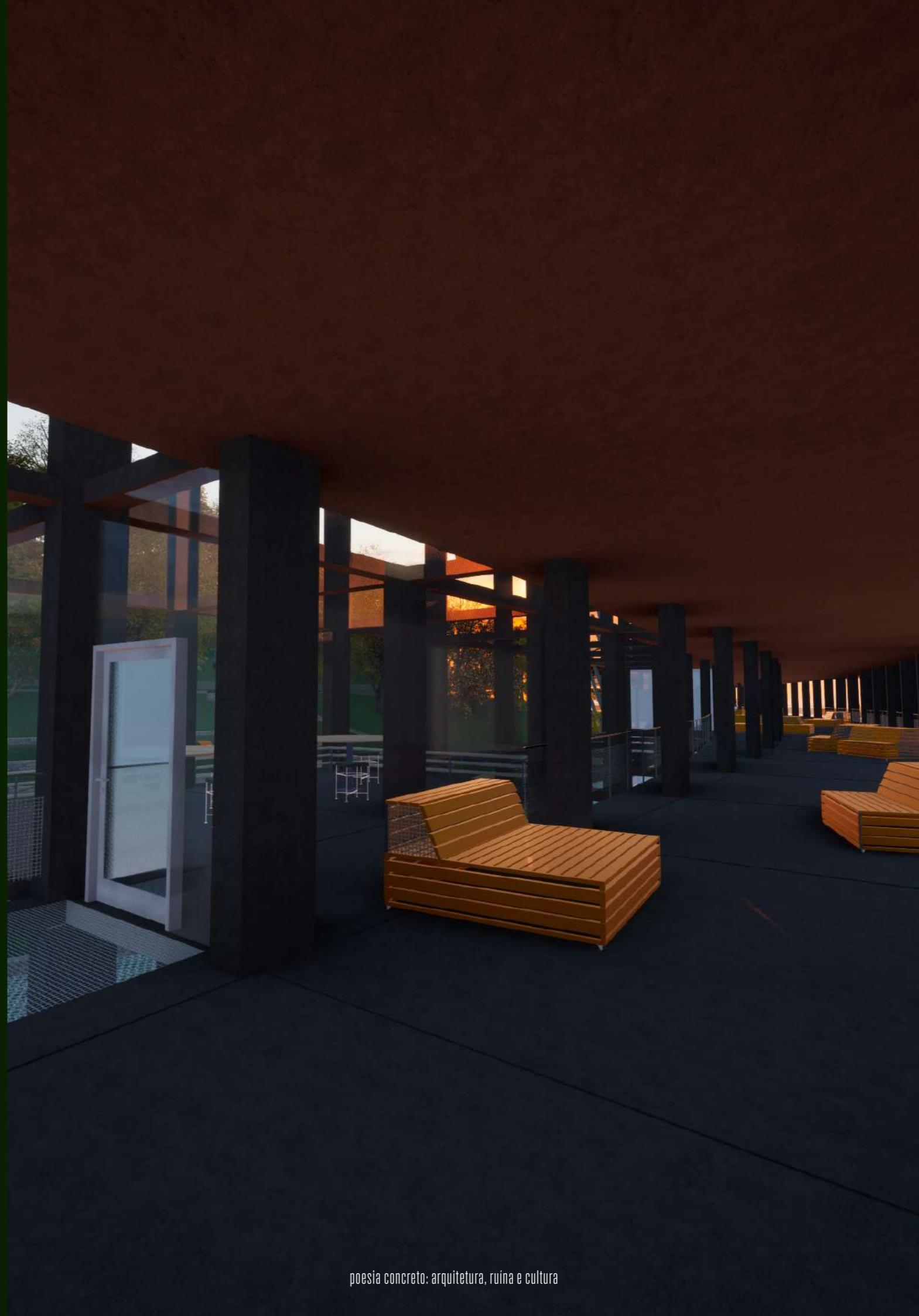
uma primeira abordagem



poesia concreto: arquitetura, ruina e cultura



uma primeira abordagem



poesia concreto: arquitetura, ruina e cultura

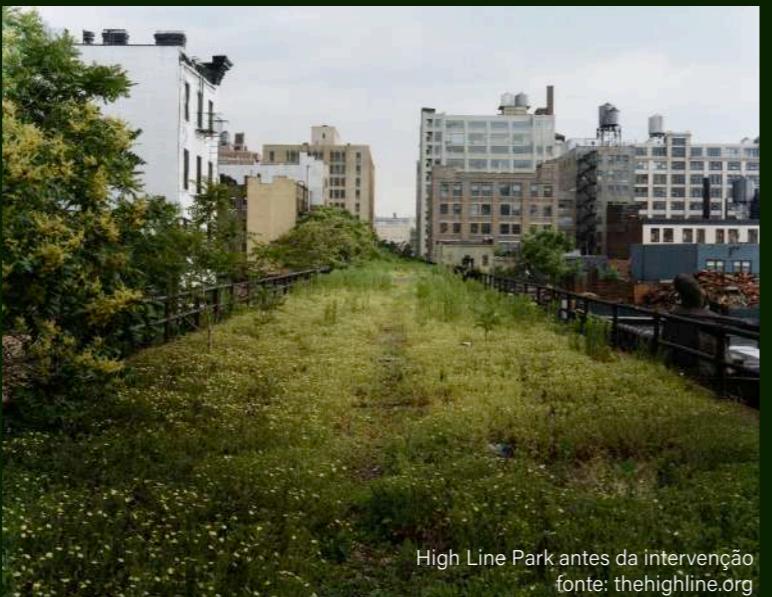


uma primeira abordagem



poesia concreto: arquitetura, ruina e cultura

Outro importante recorte foi o grande rasgo feito no pavimento -3, justamente onde a laje está suspensa por pilares, o que acarreta em uma “invasão” da natureza de fora para dentro, além de permitir uma visão de toda essa estrutura que ergue o prédio e essa mata sobre a qual ele foi implantado. Aliás, uma intenção do projeto é deixar, com o tempo, que a natureza pontualmente implementada no edifício aflore cada vez mais e de maneira espontânea, criando uma relação simbiótica entre os dois e reforçando essa imagem de ruína, como a área do High Line Park era antes de ser implementado o projeto atual.



uma primeira abordagem



UM GRANDE GESTO

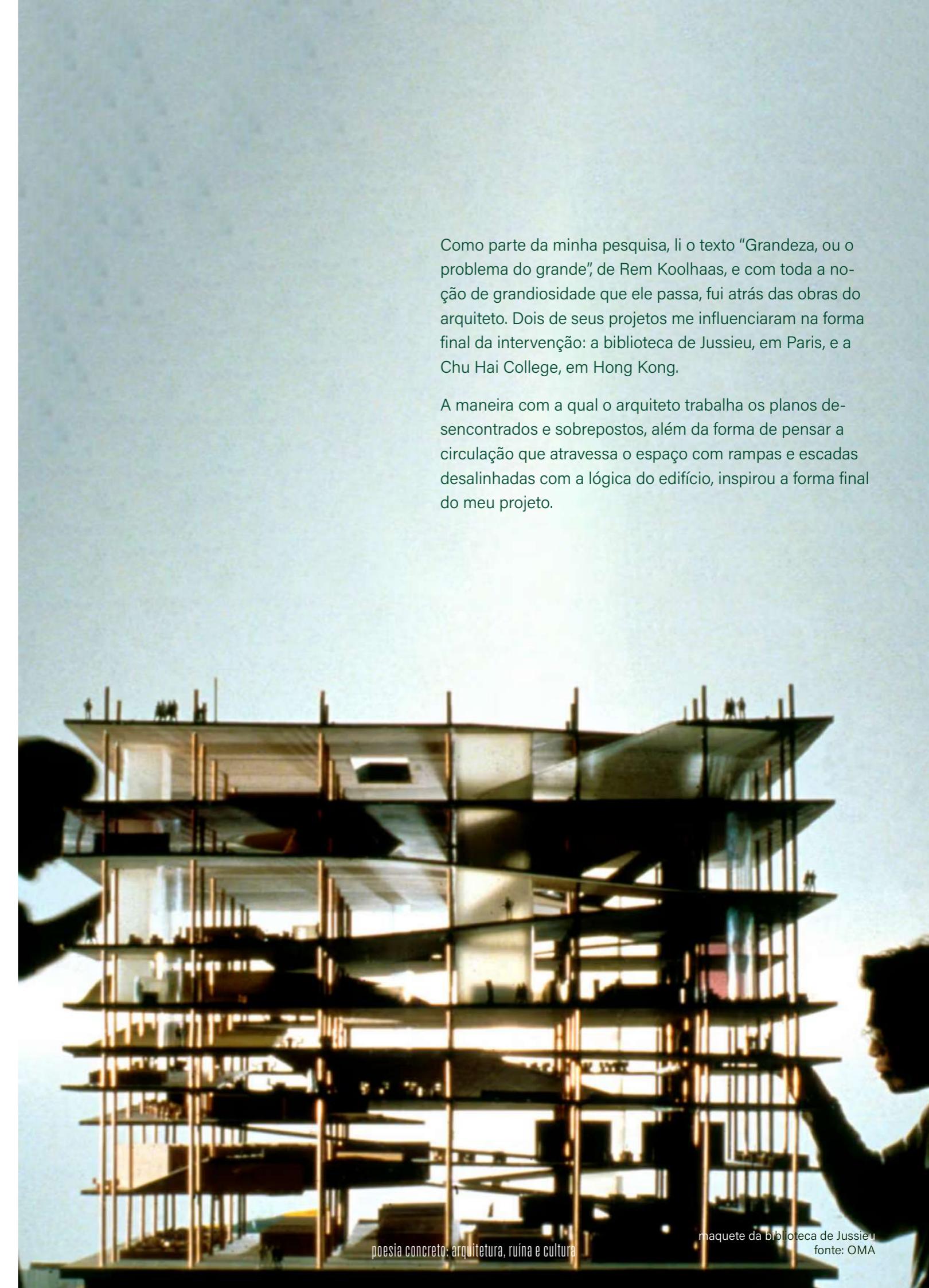
O segundo grande gesto que elaborei foi para pensar uma maneira de circulação vertical alternativa que, desde o início, eu queria que fosse um gesto forte e implementado na fachada norte, a qual tem a vista para a baía de Guanabara. A princípio, o que eu estava projetando eram escadas que atravessavam em linhas diagonais duras e disputavam com a forma do edifício de longos planos e linhas contínuas, fortemente influenciada por obras como o Centro Georges Pompidou, de Renzo Piano e Richard Rogers, e o Gifu Kitagata Apartment Building, da Kazuyo Sejima.

Quando comecei a flertar com a ideia de rampas, depois de perceber que elas não brigariam com a fachada e que poderiam reforçar esses longos planos do edifício, a maior inspiração foi o Pavilhão da Humanidade 2012, em Copacabana, de Carla Juaçaba e Bia Lessa. O que mais me chamou a atenção foi a maneira que elas, propositalmente, jogam a circulação para o entorno do pavilhão, para que o trajeto sutil feito por rampas compridas fosse abraçado pela vista do Forte de Copacabana, fazendo com que esse momento transitório, de ir para um lugar ao outro, fosse marcante e interessante - além de acessível para todas as pessoas.



um grande gesto

Pavilhão da Humanidade
fonte: Leonardo Finotti

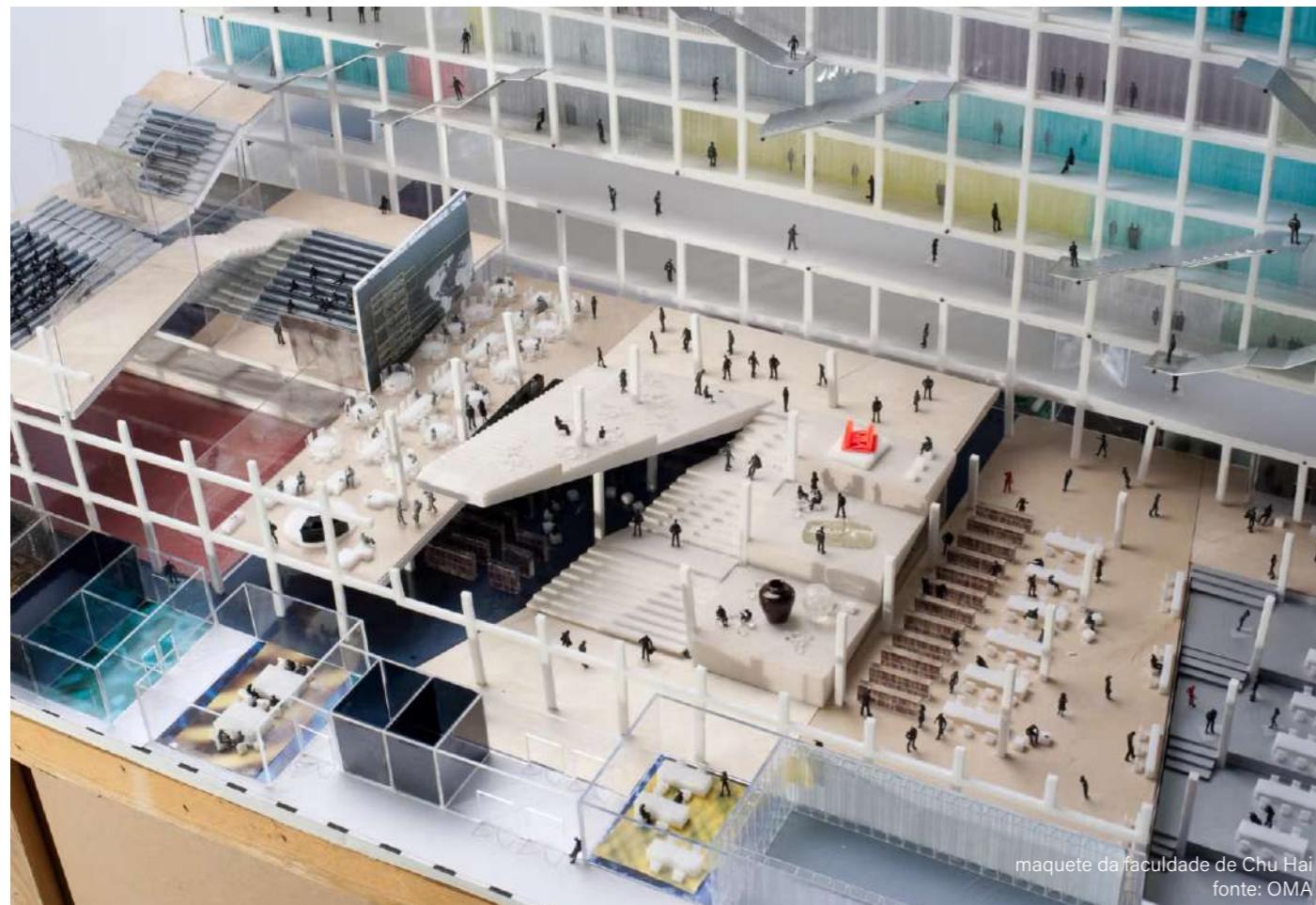
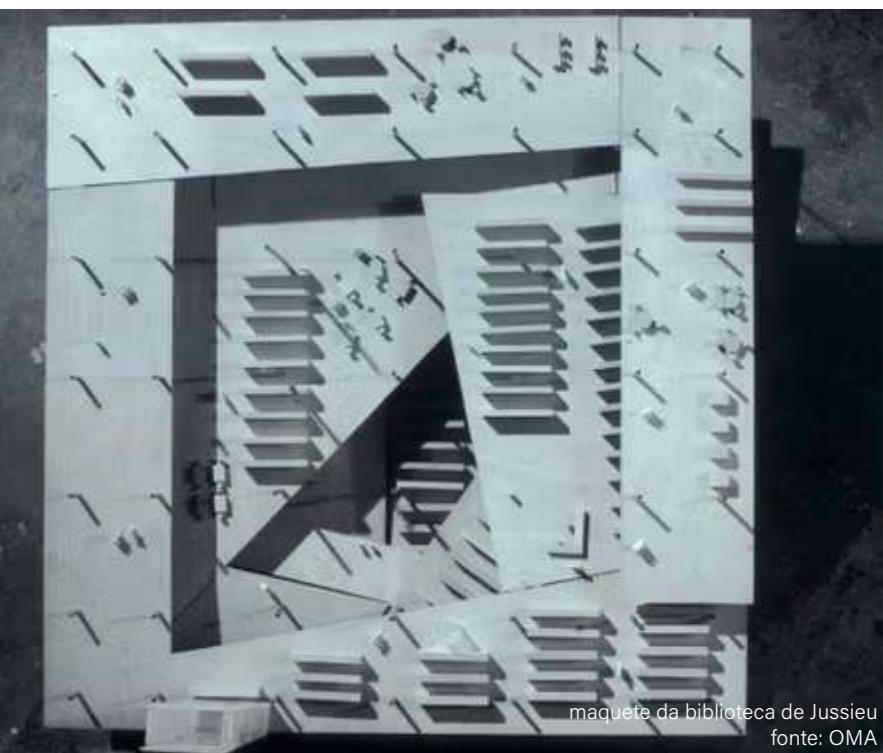
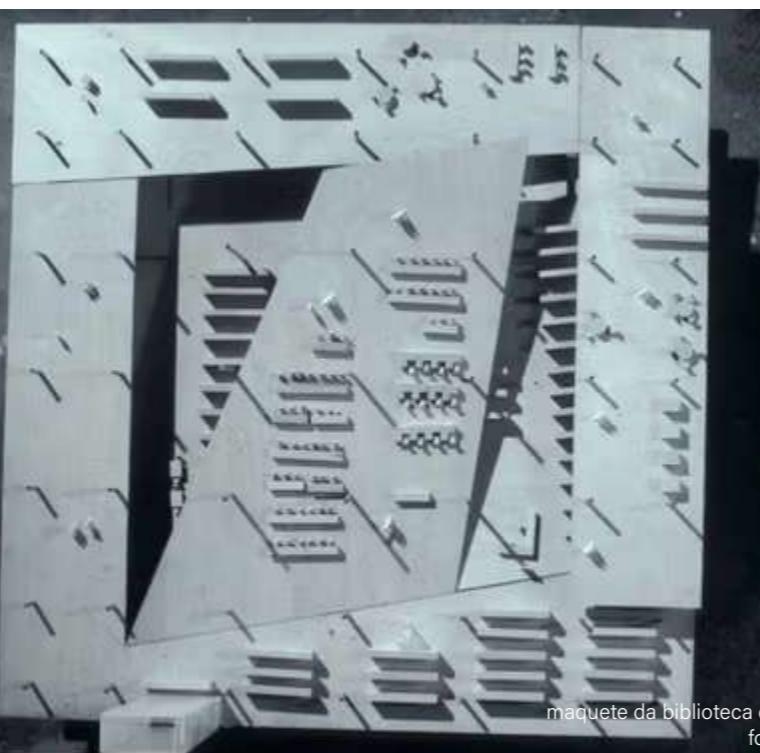
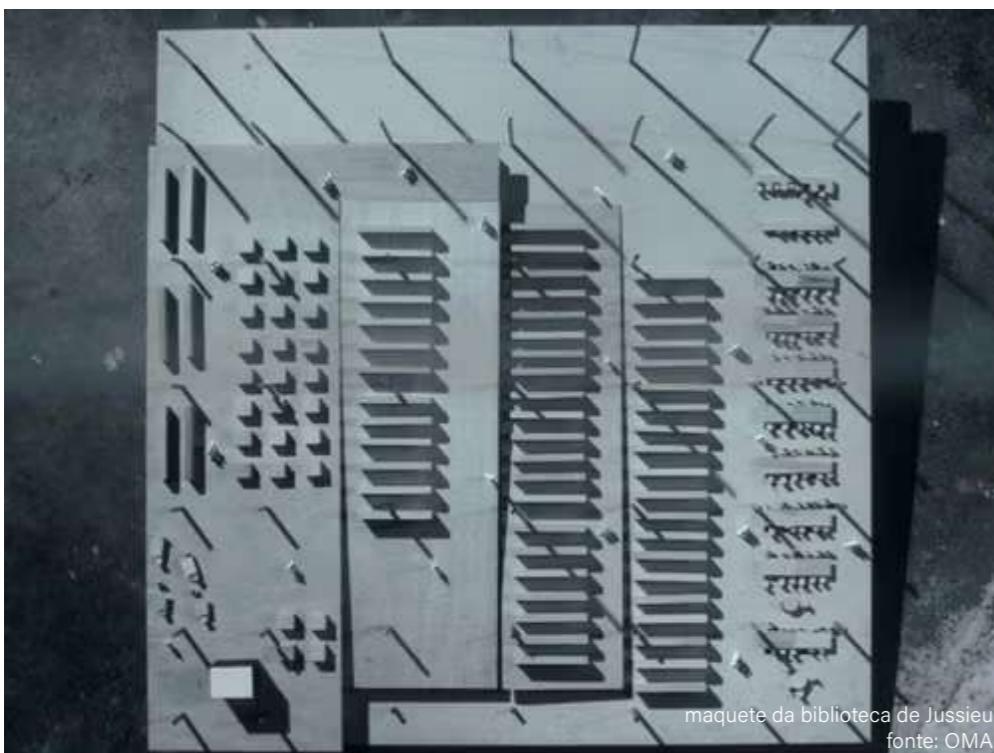


poesia concreto: arquitetura, ruina e cultura

maquete da biblioteca de Jussieu
fonte: OMA

Como parte da minha pesquisa, li o texto "Grandeza, ou o problema do grande", de Rem Koolhaas, e com toda a noção de grandiosidade que ele passa, fui atrás das obras do arquiteto. Dois de seus projetos me influenciaram na forma final da intervenção: a biblioteca de Jussieu, em Paris, e a Chu Hai College, em Hong Kong.

A maneira com a qual o arquiteto trabalha os planos desencontrados e sobrepostos, além da forma de pensar a circulação que atravessa o espaço com rampas e escadas desalinhadas com a lógica do edifício, inspirou a forma final do meu projeto.



A partir de experimentações com diagramas, cheguei à aparência final dessas rampas. O processo foi permeado de tentativas e erros para achar a intervenção atual: a replicação da forma do prédio em planta, cruzando a forma nova com a antiga e, em cada pavimento rotacionado a forma nova cerca de 1,2° em relação ao pavimento adjacente, com a posição inicial sendo na cobertura, onde a forma final é exatamente o deslocamento completo entre os planos, com a ponta noroeste do novo encostando na ponta sudeste do original.

O produto dessa intersecção é o espaço livre dos andares e, os negativos dessa intersecção se tornam recortes na laje que, por vezes, tem um programa encapsulado - o vazio que organiza o espaço com programas definidos e não livres/ de apropriação -, ou que é apenas um vazio, implementado para expor a estrutura do prédio. Além disso, toda a rebarba que sobra para a fachada sul se torna avarandados, não comprometendo tanto a área útil do projeto original. Elas crescem em direção ao morro de tal maneira que acompanha a topografia e gera um sentimento de acolhimento nos pavimentos abaixo e, por serem erguidos sobre pilares árvore, esse contorno do morro é ainda mais reforçado.

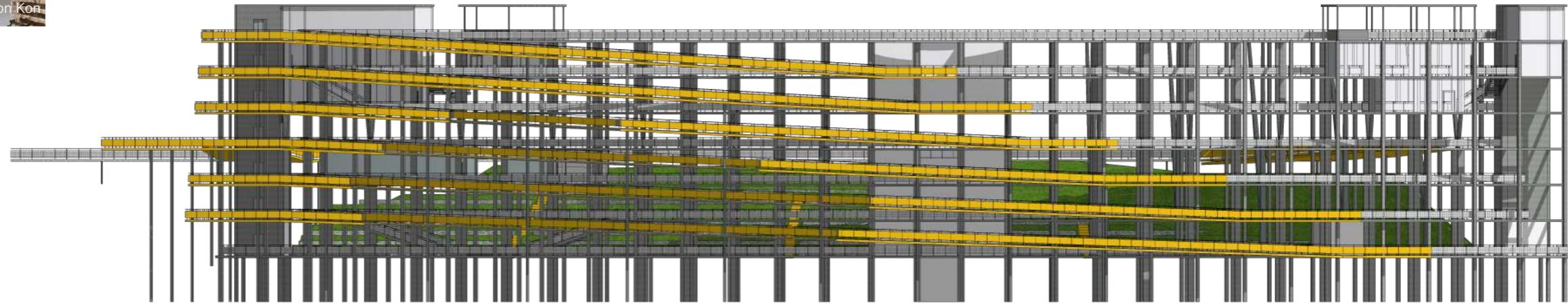
**DIAGRAMA DO PROCESSO
DE INTERVENÇÃO**





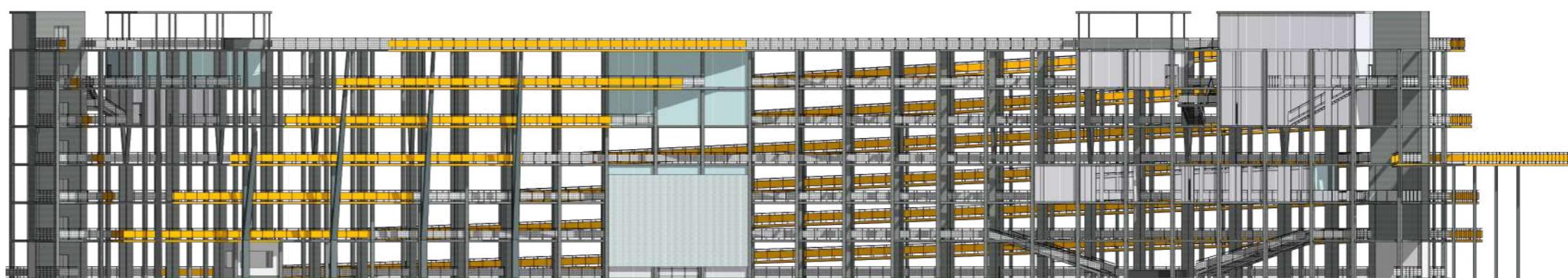
Pinacoteca de São Paulo
fonte: Nelson Kon

As rampas na fachada norte, descoladas da ruína e feitas em estrutura metálica leve, independente e tingida de amarelo, destacam esses planos longínquos e, a escolha do guarda-corpo, inspirado no guarda-corpo de Paulo Mendes da Rocha, na Pinacoteca, reforça esse plano suave na diagonal que conecta os pavimentos, marcando a fachada. Porém, dentro do edifício, apesar do guarda-corpo ter o mesmo formato, a escolha da grelha como material do painel foi pensada para não interromper essa noção de transparência que a configuração do espaço faz, sem obstruir o olhar.



ELEVACÃO NORTE

escala 1:500



ELEVACÃO SUL

escala 1:500



um grande gesto

poesia concreto: arquitetura, ruina e cultura





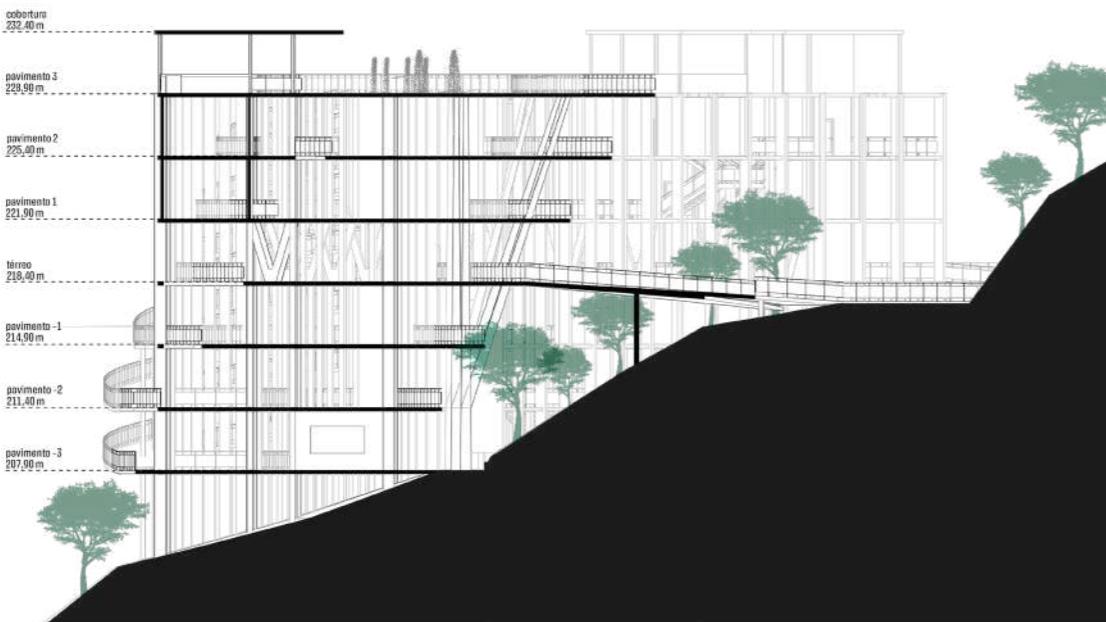
um grande gesto

poesia concreto: arquitetura, ruina e cultura



um grande gesto

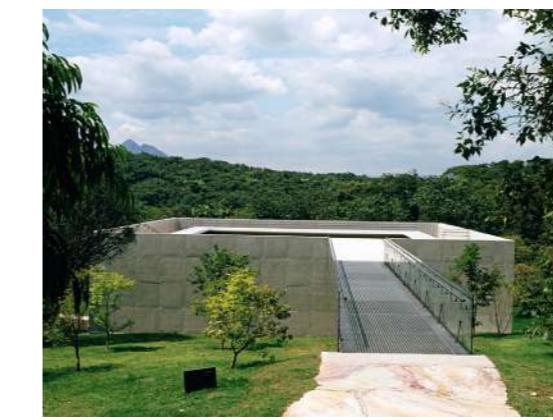
poesia concreto: arquitetura, ruina e cultura



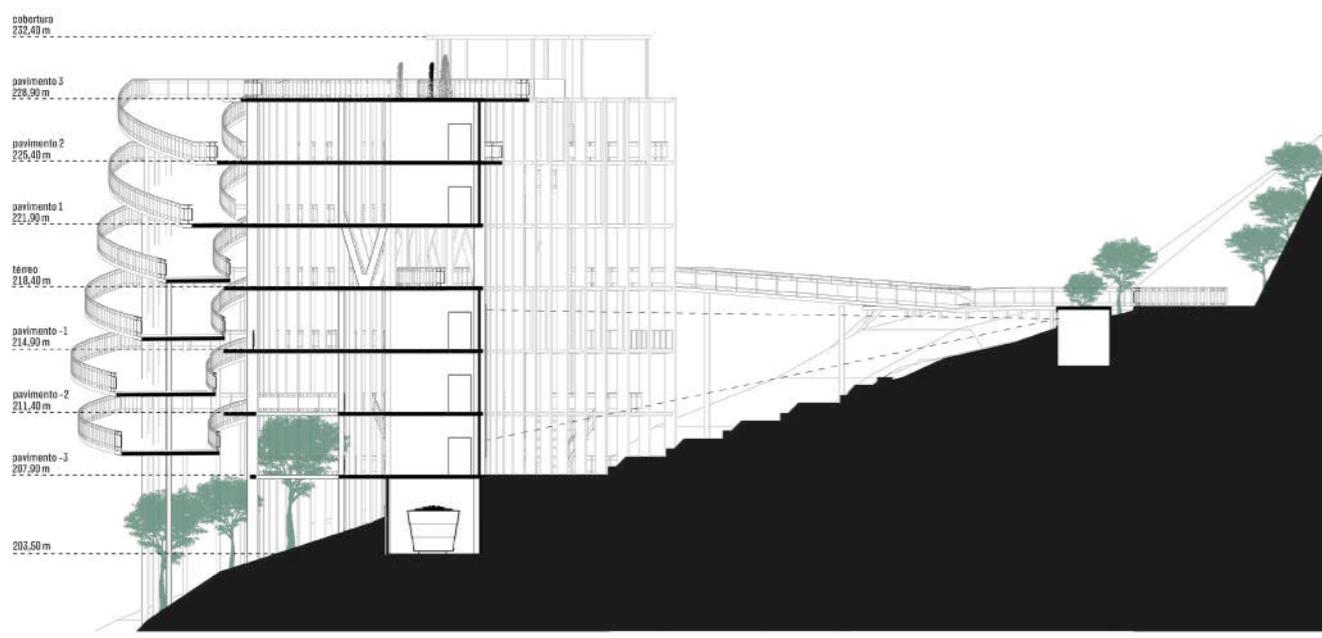
CORTE AA | ENTRADA OESTE
escala 1:200



CORTE CC | ENTRADA LESTE
escala 1:200



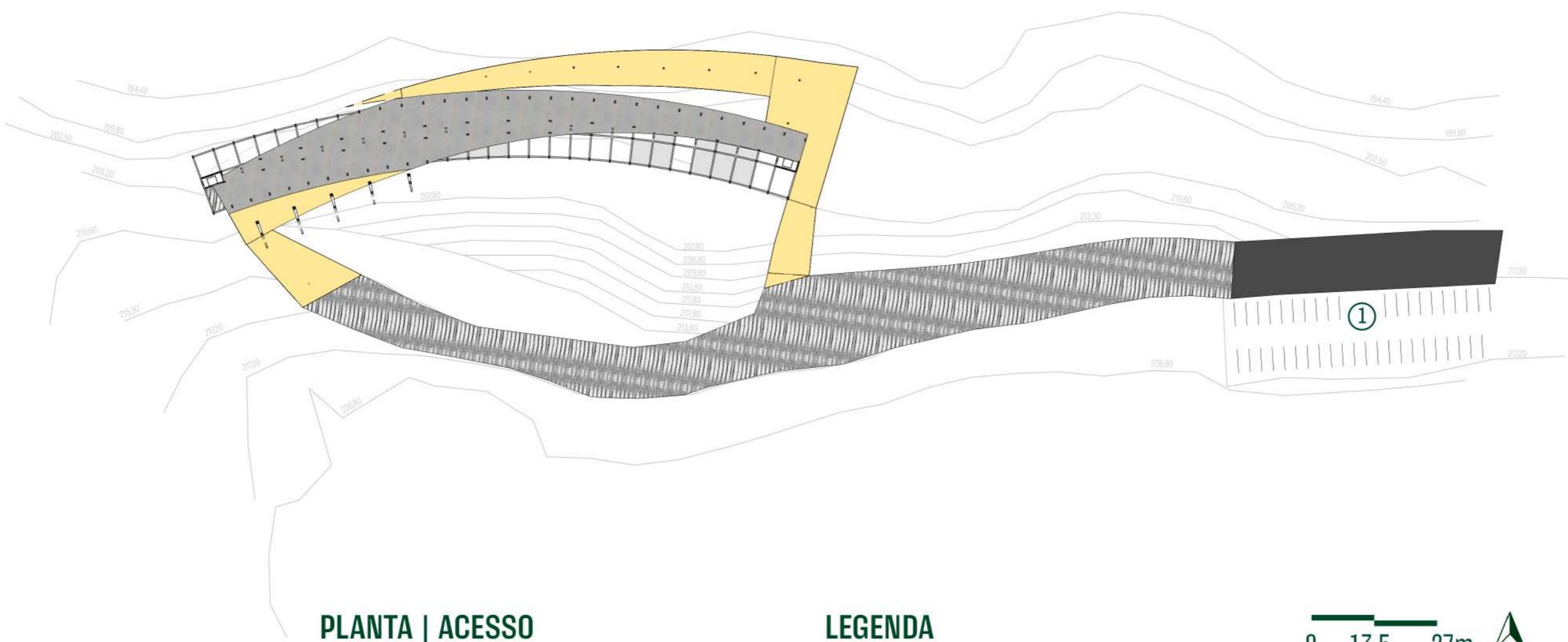
saída da galeria Adriana Varejão
fonte: Vicente de Mello



CORTE BB | EIXO HIDRÁULICO
escala 1:200

Já para resolver a entrada, onde fica o único ponto em que o prédio toca no morro, uma vez que do pavimento térreo para cima essa relação não é física e, do pavimento térreo para baixo, o morro envolve a edificação, retomei às referências de Koolhaas e à maneira que ele gera essas situações de enfrentamento entre planos.

A escolha de mexer no terreno para abrir mais espaço entre o morro e a edificação foi, não somente para criar uma praça no pavimento -3, aumentando o espaço útil do andar, mas também para criar uma espécie de portal, no qual a pessoa vem caminhando pelo piso de grelha sobre a mata e chega às rampas amarelas, fazendo essa travessia que gera um sentimento de descolamento do chão e entrando em outra dimensão, ficando imersa na edificação. Essa mesma sensação se aproxima da que se tem ao entrar e sair da galeria Adriana Varejão, em Inhotim, uma inspiração minha para seguir adiante com essa ideia de ponte/rampa de acesso, visto que esse é o único momento em que uma relação transversal de enfrentamento existe entre prédio e morro.



PLANTA | ACESSO
escala 1:1000

LEGENDA

- ## 1. estacionamento

0 13,5 27m N







um grande gesto



poesia concreto: arquitetura, ruina e cultura



SESC Pompeia
fonte: Renata Armelin

dos usos e apropriações

DOS USOS E APROPRIAÇÕES

Em "Architecture and disjunction", Bernard Tschumi fala sobre como o espaço e a arquitetura são instrumentos sociais de transformação, são meios que mudam a relação entre o indivíduo e a sociedade, alterando, mesmo que temporariamente, o comportamento de um grupo ou uma pessoa. E o que busquei fazer no hotel vai nessa linha, de oferecer um espaço para que as pessoas sejam livres para se apropriar dele, torná-lo delas.

O poder que a arquitetura tem é enorme, mas, mais do que isso, o poder do uso do espaço feito pelas pessoas é transformador - tanto do indivíduo quanto do espaço em si. Uma situação trazida por Tschumi que ilustra isso é a da história de um prédio em meio a uma guerrilha que, por definição, seria apenas um abrigo, mas era chamado de "a casa do povo", imprimindo um significado e um uso muito mais profundo de liberdade, poder e igualdade criado pelas próprias pessoas que estavam ali.

A arquitetura não é - ou pelo menos não deveria ser - rígida, ela é um espelho da vontade de quem a habita;

“

não incluir as incertezas do uso, ação e movimento na definição da arquitetura significa que a habilidade da arquitetura de ser um fator de mudança social foi, simplesmente, negado a ela.”^[7]

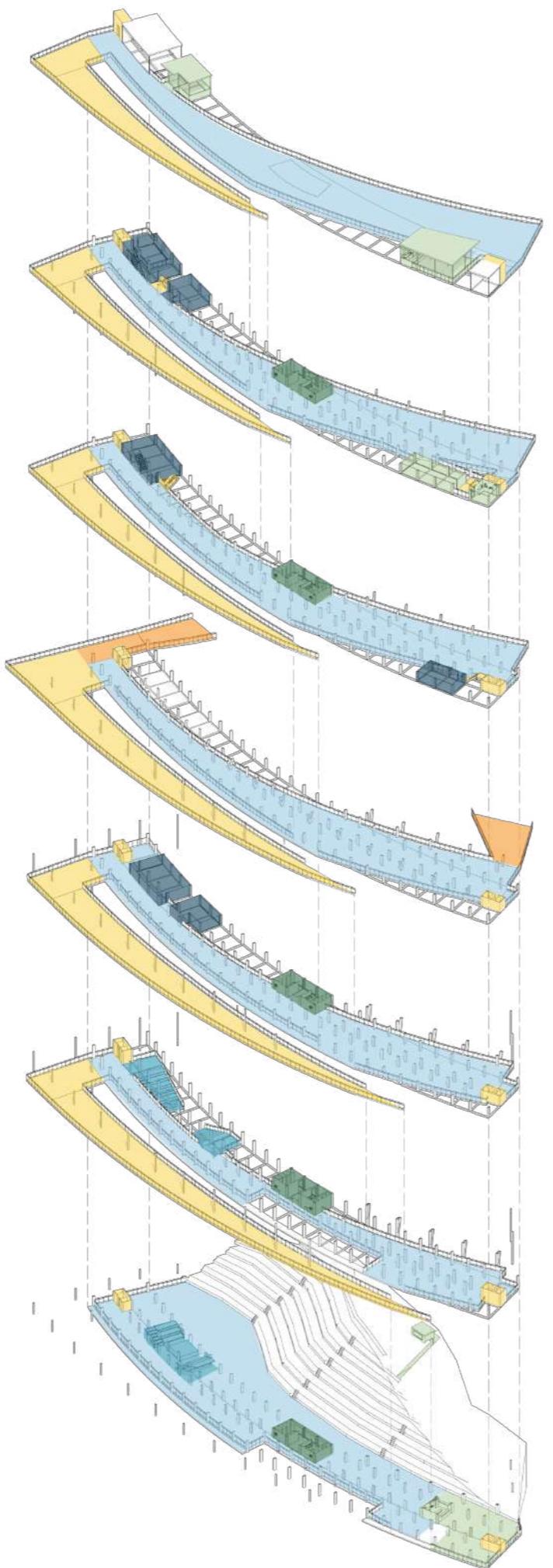
[7]. Trecho do livro "Architecture and disjunction", de Bernard Tschumi, 1996 - tradução livre feita pela autora.

Essa leitura me fez perceber que eu não conseguia imaginar um programa tão rígido no prédio. Com tantos turistas e nativos subindo diariamente ao Parque da Cidade - um local sem uma estrutura para uma permanência mais longa do que a duração do pôr-do-sol - eu queria dar ao hotel uma característica predominantemente de estar, um local de apropriação livre, imaginando como as pessoas ocupariam o espaço e o transformariam em algo delas.

poesia concreto: arquitetura, ruina e cultura

DIAGRAMA DE USOS

- acesso
- circulação vertical
- sanitários
- serviços
- educacional
- auditório
- estar/expositivo



dos usos e apropriações

Essa organização espacial que o projeto assume - com grandes planos de áreas livres centrais e fragmentos capsulares de funções múltiplas - não foi decidida ao acaso. Uma grande parte dessa elaboração pode ser atribuída não só ao Tschumi, mas também ao texto "Grandeza, ou o problema do grande", de Rem Koolhaas, que já mencionei.

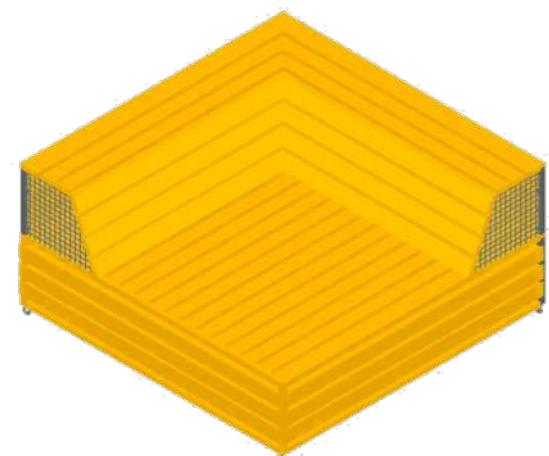
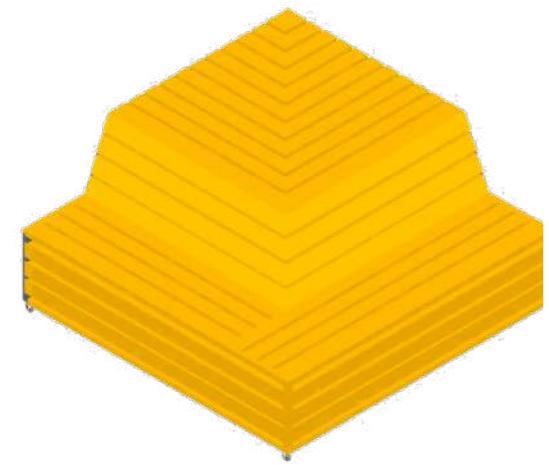
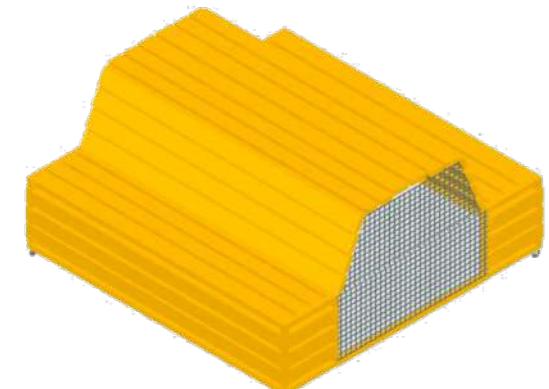
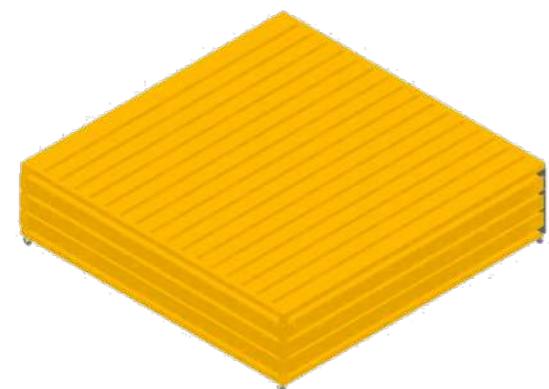
“A sua vastidão [da Grandeza] esgota a necessidade compulsiva da arquitetura para decidir e determinar. Algumas zonas ficarão de fora, livres de arquitetura.”

Essa passagem do texto de "Grandeza, ou o problema do grande" exprime muito bem o meu raciocínio de deixar o programa livre para ser o que ele precisa ser naquele momento, suprindo as demandas e espontaneidades das pessoas que frequentam o lugar e tornaram-o delas.

Por causa da dimensão do volume, é possível que todo tipo de expressão cultural esteja acontecendo ao mesmo tempo sem que uma atrapalhe a outra. A grandeza implica em pedaços desconexos uns dos outros, onde coisas diferentes acontecem simultaneamente e que, apesar de distantes, as partes continuam ligadas ao todo, gerando momentos de encontros e desencontros, ora produzindo interações, ora ocasionando afastamentos, como uma autorregulação natural da intensidade da coexistência - algo que essa condição de grandeza do edifício consegue evocar muito bem. Como Koolhaas coloca:

“[a Grandeza] é a única arquitetura que programa o imprevisível. Em vez de reforçar a coexistência, a Grandeza depende de regimes de liberdades, a agregação da máxima diferença.”

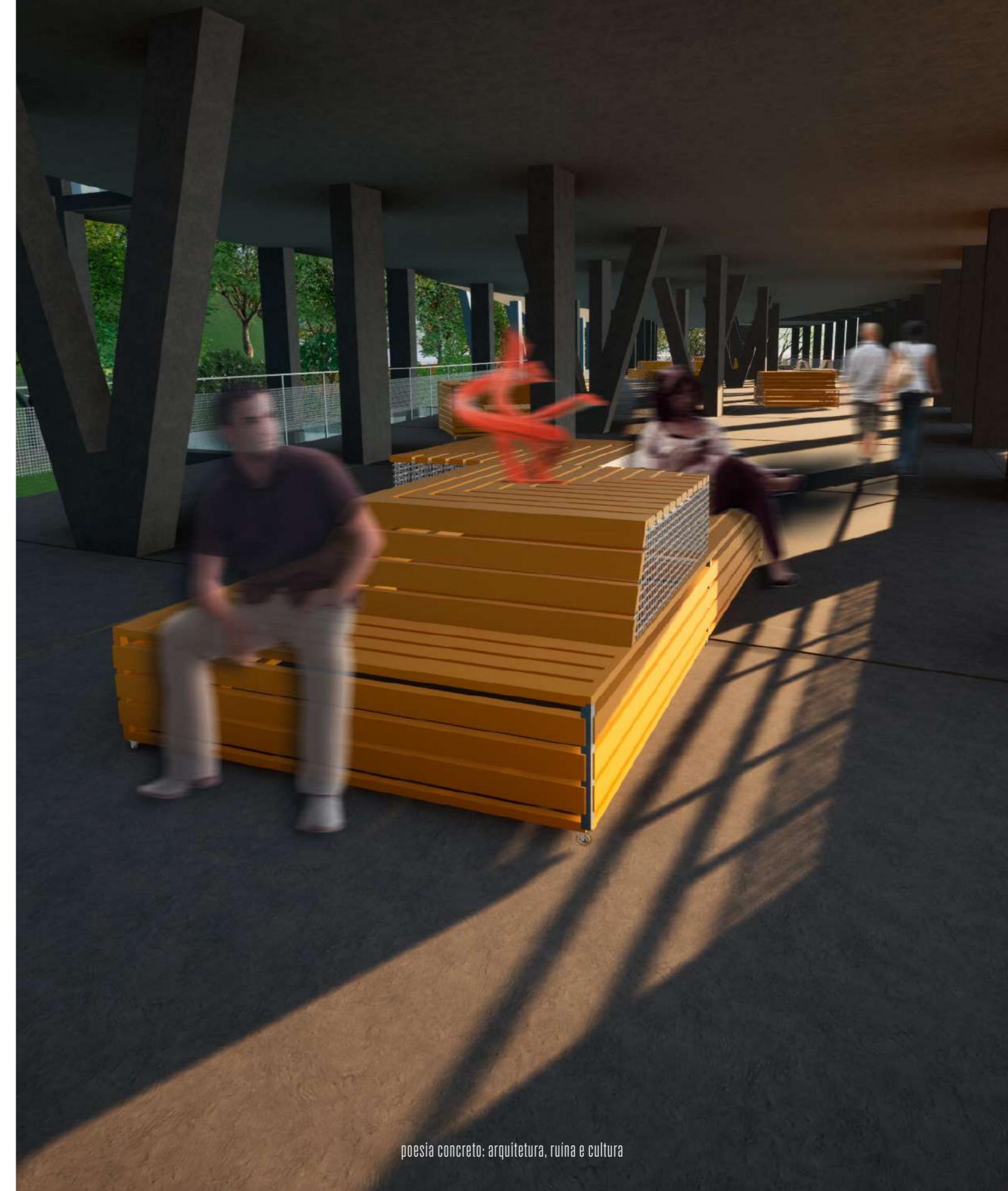
Apenas a Grandeza pode sustentar uma proliferação promíscua de eventos num único contendor. Ela desenvolve estratégias para organizar tanto a sua independência como a sua interdependência dentro de uma entidade maior, numa simbiose que exacerba em vez de comprometer a especificidade.”



A melhor maneira que encontrei de intervir nesses espaços de uso livre/de estar/expositivo foi através do mobiliário. Os módulos utilizados no trabalho foram desenhados pelo arquiteto Eduardo Araujo Silva, para o projeto da reforma da praça central do campus da USP São Carlos. Eles permitem configurar e reconfigurar o espaço facilmente por serem leves e estarem sobre rodas, além de alguns módulos terem alturas diferentes, servindo de encosto, de assento mais elevado ou de apoio expográfico. Assim, as pessoas moldam o espaço para suas necessidades e se apropriam desse patrimônio.

Mobiliário em metal, protegido da maresia por uma tinta anti-ferrugem da mesma cor amarela da intervenção.

dos usos e apropriações



poesia concreto: arquitetura, ruina e cultura



SESC Pompeia

fonte: SESC

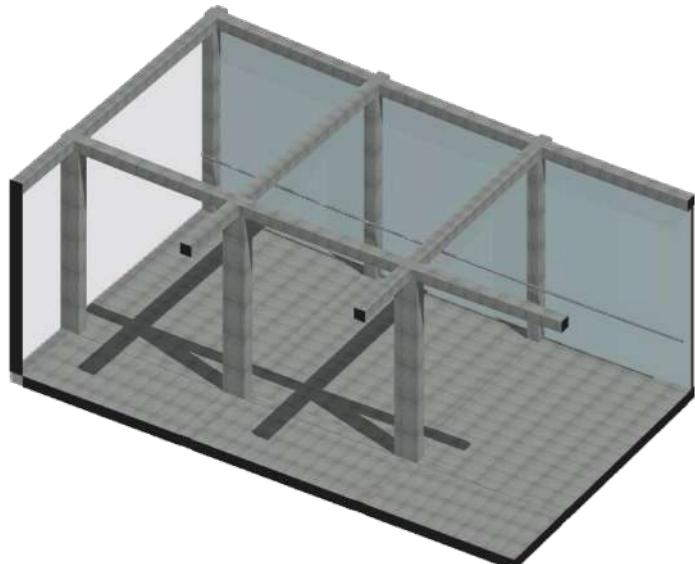
Em relação ao programa encapsulado, uma inspiração foram as salas do SESC Pompeia, de Lina Bo Bardini, que as dispõe de tal forma que são, na mesma medida, privadas e expostas. Apesar de no meu projeto essas salas serem fechadas, a transparência que o vidro confere traz esse sentimento de integração com um toque de privacidade, assim como no SESC.



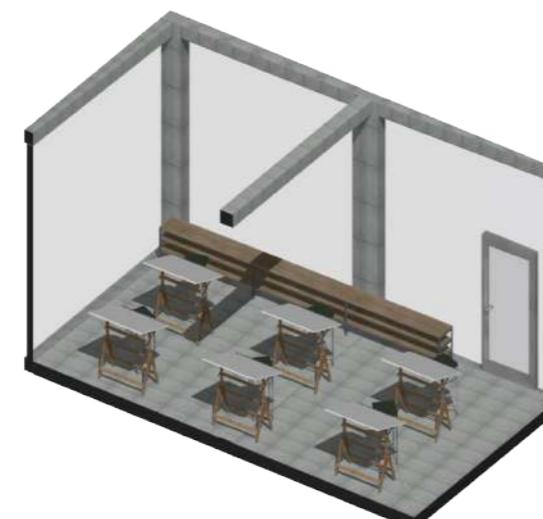
Sala de oficina no pavimento -1



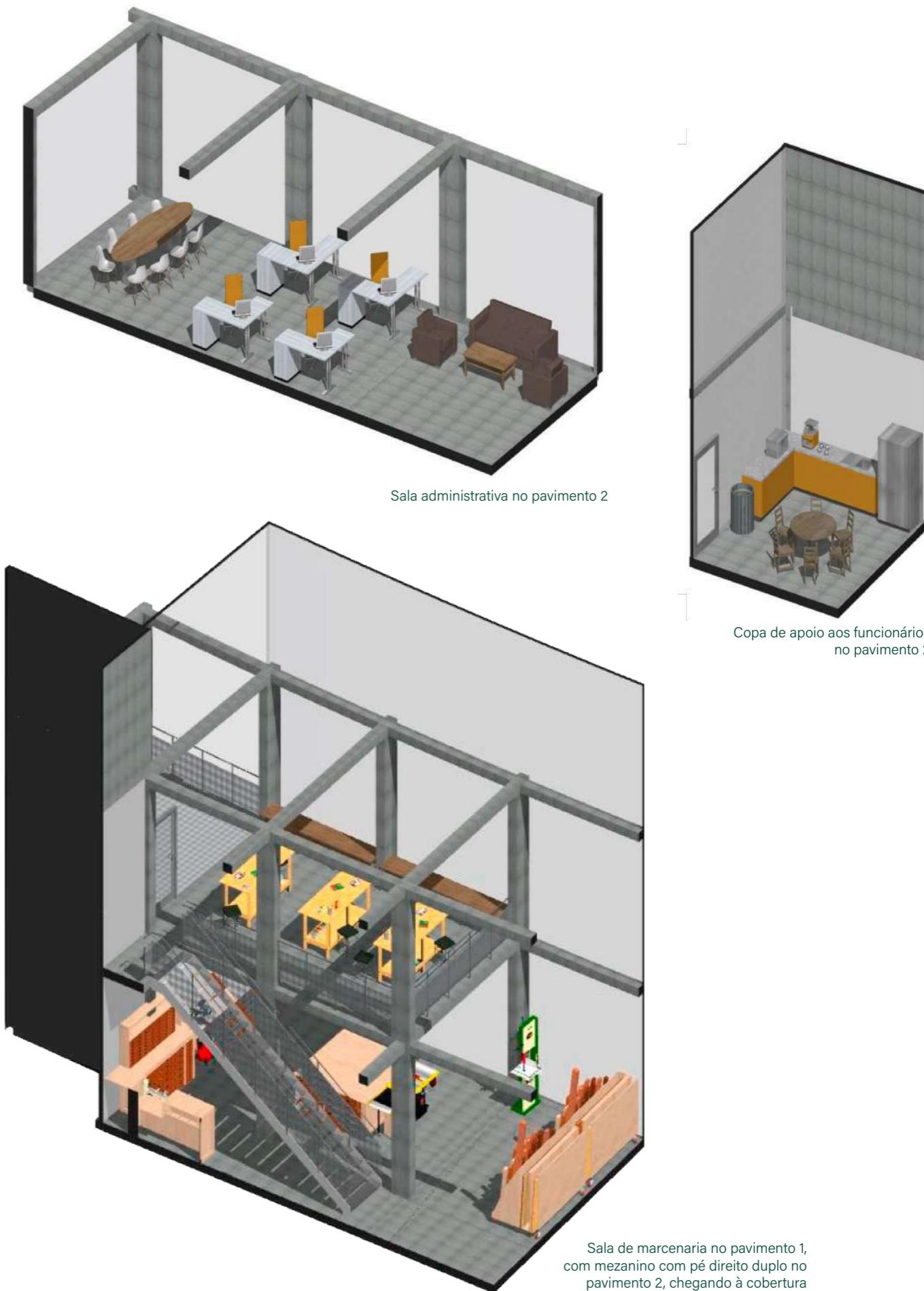
Sala de oficina no pavimento 2



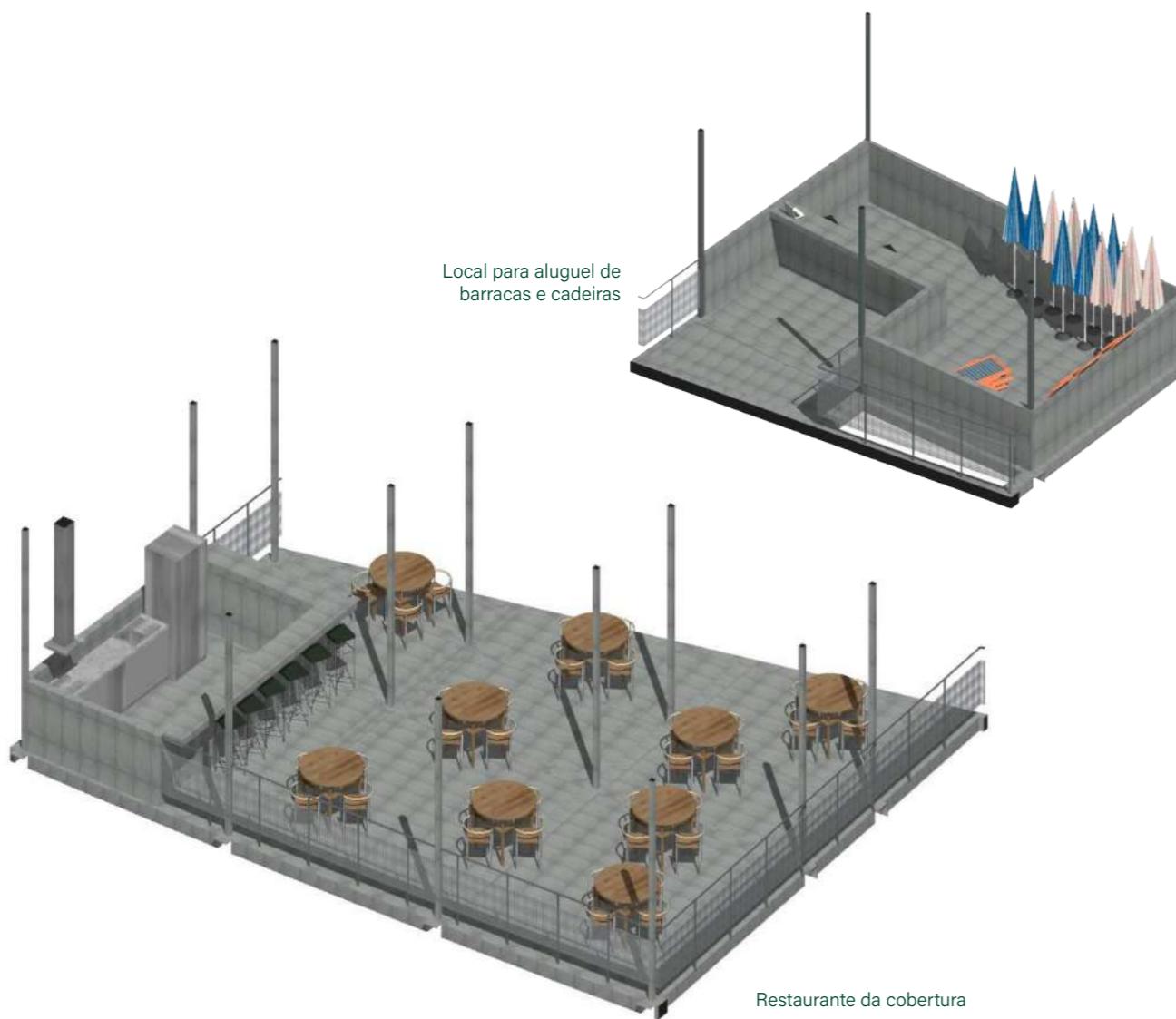
Sala de dança, com espelho e barra de apoio, no pavimento -1



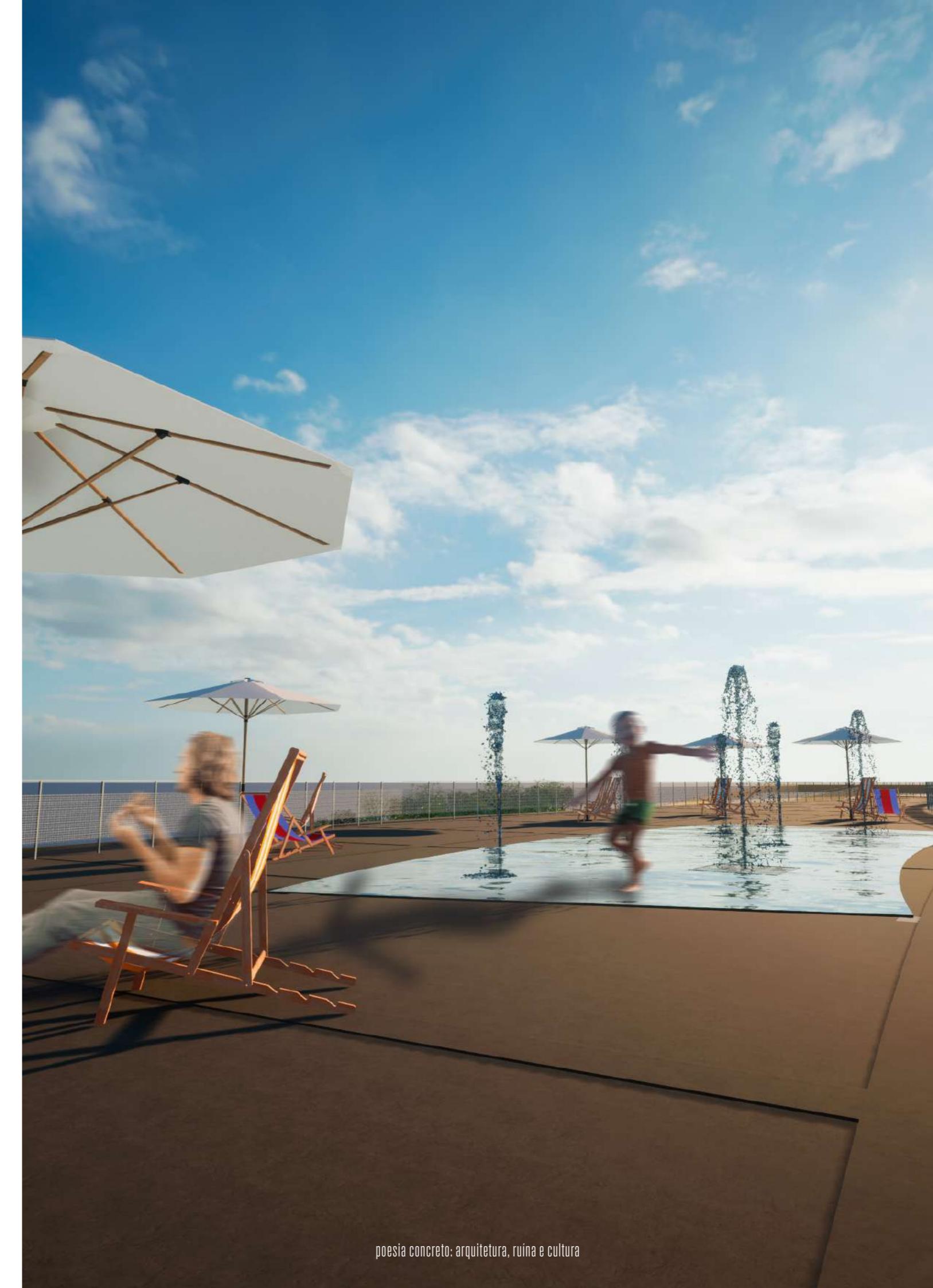
Sala de desenho no pavimento 1



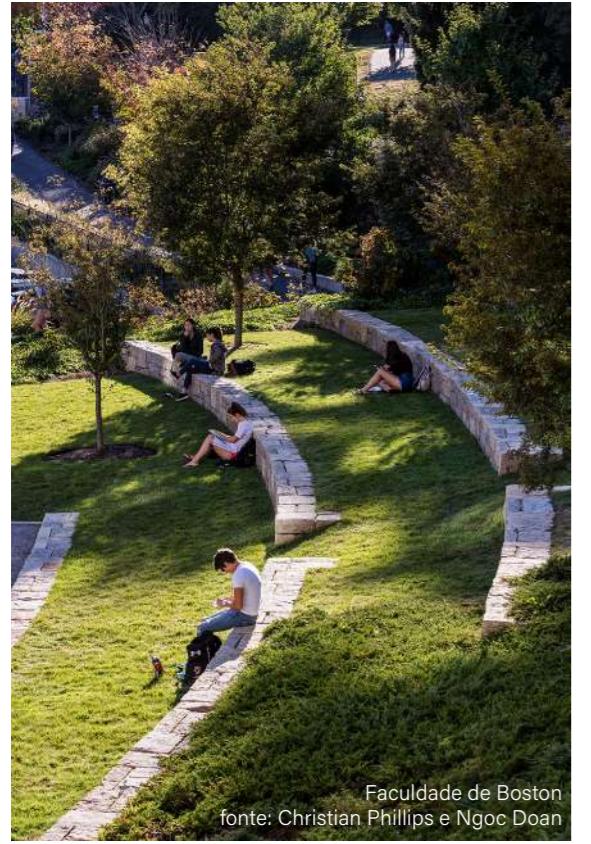
Já na cobertura, não quis acabar com essa condição de mirante a céu aberto, portanto o mobiliário de material metálico utilizado no projeto inteiro não seria viável ou confortável nessa área por conta da alta insolação. Por isso, a ideia de uma “barraquinha” para aluguel de cadeiras de praia e guarda-sóis faz tanto sentido: para que as pessoas não deixem de ocupar aquele espaço que é delas, que não ficuem restritas apenas ao programa que tem na cobertura - o do restaurante - e deixem todo o resto ermo. Além disso, a fonte de água interativa foi implementada justamente para ser mais um atrativo que leva as pessoas à cobertura e permaneçam lá, e não apenas que subam para ver a vista e logo esvaziem a área.



dos usos e apropriações



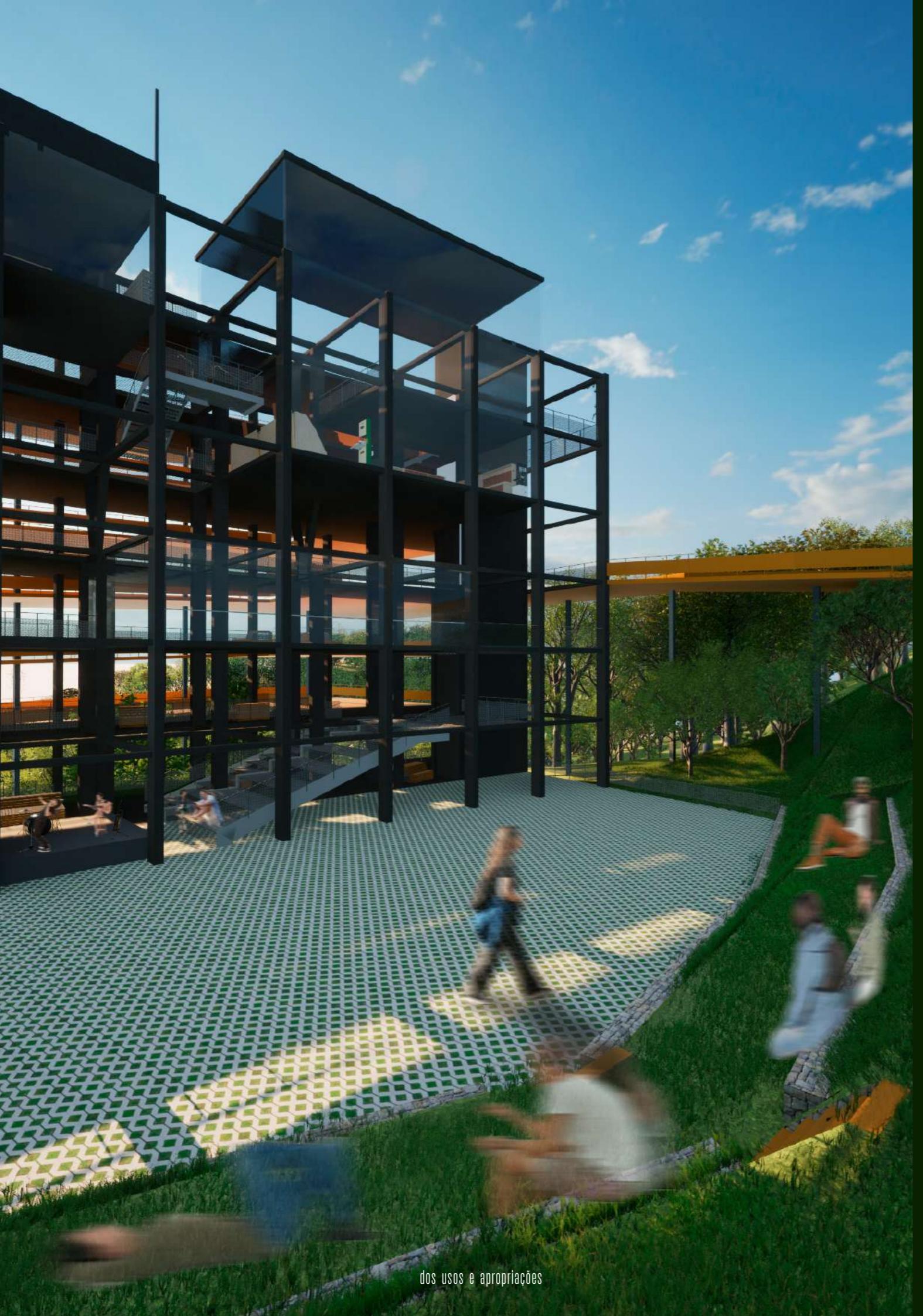
poesia concreto: arquitetura, ruina e cultura



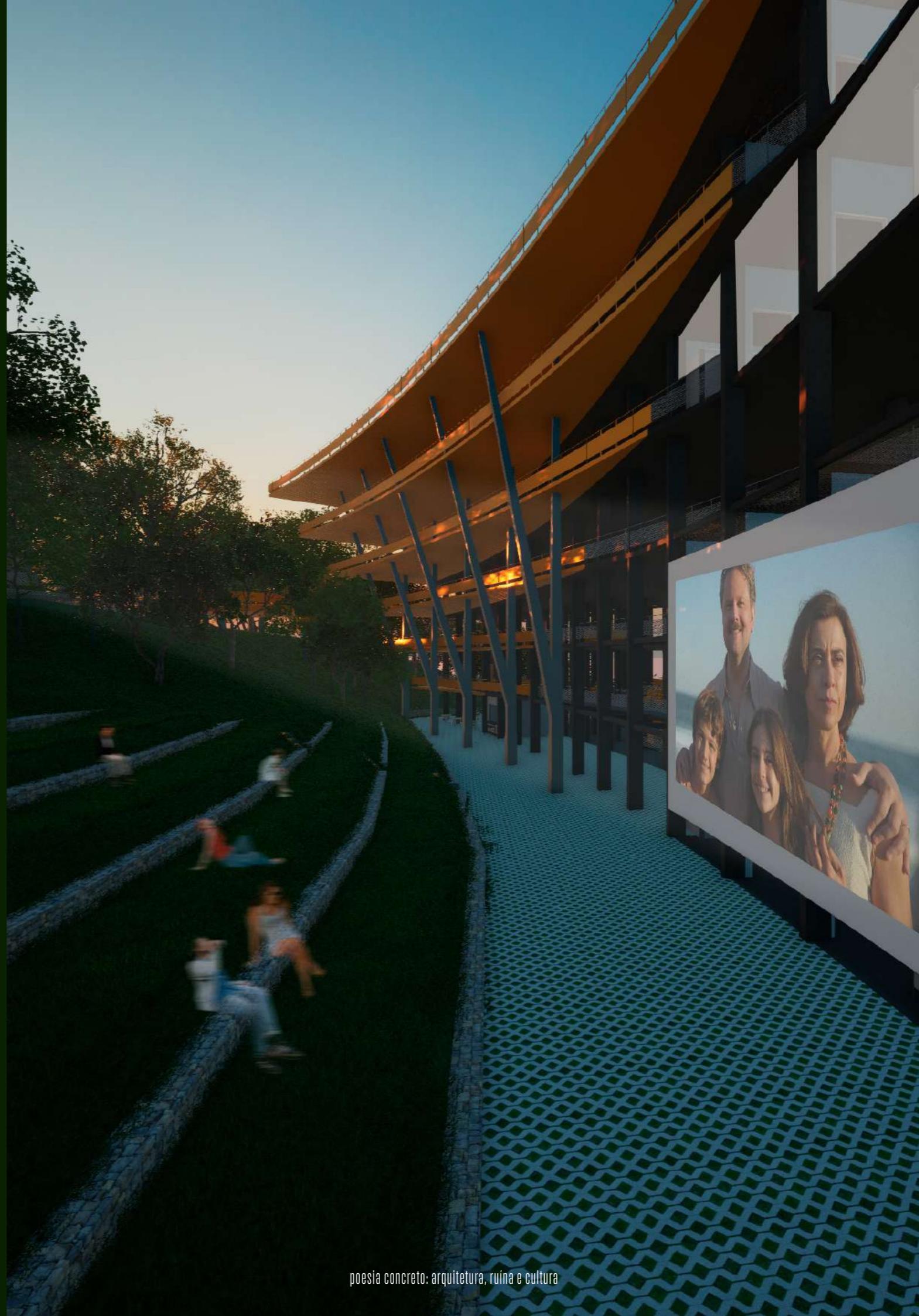
Por fim, um último espaço em que tento transmitir esse sentimento de apropriação é no talude implantado na praça do pavimento -3. Duas referências que utilizei foram a da Faculdade de Boston - um projeto do STIMSON Studio - e o parque Fort Werk aan 't Spoel, na Holanda - um projeto da parceria entre Atelier de Lyon e RAAAF.

Ambas as referências apresentam esse caráter de apropriação que busquei reforçar no meu projeto e mesclam um terreno muito desenhado com um material natural. Portanto, combinei as duas para desenvolver o talude, criando um espaço que percorre o comprimento do edifício e pode ser usado para deitar, ter um momento de leitura, fazer um piquenique, sentar para prestigiar uma apresentação no palco do auditório aberto ou assistir o que quer que esteja sendo projetado no telão enorme da praça e quaisquer outros usos inusitados que possam ocorrer.





dos usos e apropriações



poesia concreto: arquitetura, ruina e cultura



conclusão

CONCLUSÃO

"neste país onde os projetos já nascem mortos, que é um projeto irrealizado senão uma ruína novinha em folha? [...] aquela ruína do sonho de um país em desenvolvimento."

- Paulo Leminski,
A nova ruína

O trocadilho com poesia e concreto no título do trabalho foi especialmente pensado para trazer essa noção da sensibilidade poética da ruína em concreto, transmitindo tanto a ideia do aspecto físico e histórico da ruína, quanto o potencial de transformação cultural que ela tem, sugerindo uma requalificação do espaço deteriorado.

Aliar um programa cultural à ruína traz um peso simbólico para o projeto, visto que a mesma faz parte do patrimônio não oficial do povo niteroiense. Por isso, a abordagem de exaltar essa grande estrutura em concreto, em pé há tantas décadas, foi escolhida com muito gosto. Seria um grande desperdício de potencialidade "finalizar" a obra e dar a ela um polimento que não condiz com o imagético saudoso das pessoas. Tampouco é ideal mantê-la como está, há décadas, sufocando em sua própria natureza, intocável aos olhos de quem, há tanto tempo, a vê.

REFERÊNCIAS

- BARRETO, Fernanda F. **Trabalho Final de Graduação: Hotel Panorama.** Trabalho final de graduação (graduação em arquitetura e urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Mackenzie, São Paulo, 2019.
- BUCCI, Angelo. **Pedra e arvoredo.** In: Revista D'Art, n. 10, CCSP. São Paulo. Outubro, 2003.
- HOLANDA, Marina de. **Arte e Arquitetura: Building Cuts, Gordon Matta Clark.** 2012. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/01-27310/arte-e-arquitetura-building-cuts-gordon-matta-clark>>
- Humanidade2012 / Carla Juaçaba + Bia Lessa.** Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/01-166107/pavilhao-humanidade2012-slash-carla-juacaba-plus-bia-lessa>>
- KOOLHAAS, Rem. **Grandeza, ou o problema do grande.** In: Rem Koolhaas: três textos sobre a cidade. 2010. Tradução de Luís Santiago Baptista.
- PATERMAN, Rachel. **A vida de um monumento: arquitetura, memória e transformação.** In: Revista Antropolítica, n.38. Niterói: 2015, p.245-269.
- PIMENTEL, Renata R. K. **UM NOVO PANORAMA: Ressignificação da memória afetiva na paisagem de São Francisco.** Trabalho final de graduação (graduação em arquitetura e urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.
- SANTOS, Carlos. N. F. **Preservar não é tombar, renovar não é por tudo abaixo.** In: Revista Projeto 86 - Ensaio e Pesquisa. São Paulo, pp. 59-63. Abril, 1986.
- TSCHUMI, Bernard. **Architecture and disjunction.** 1996. Massachusetts: MIT Press.

POESIA CONCRETO:

arquitetura, ruína e cultura

GIULIA FREIRE VILLARI
TRABALHO DE GRADUAÇÃO INTEGRADO | IAU-USP